

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

CRISTIANO SILVA JESUITA

**Um estudo analítico-descritivo da Grammatica Analytica da Lingua
Portuguesa do Pe. José de Noronha Napoles Massa**

Monografia apresentada ao programa de língua portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo , como requisito para a obtenção do título de especialista, sob a orientação da professora Leonor Lopes Fávero.

SÃO PAULO - 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus . Agradeço à professora Leonor pela confiança e amizade e aos meus amigos e familiares por tudo.

RESUMO

Este projeto situa-se na área de pesquisa do programa de *História e Descrição da Língua Portuguesa*, tem por objeto de estudo a *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*, do Pe. José de Noronha Napoles Massa publicada em 1888. O nosso objetivo principal é fazer um estudo analítico-descritivo do livro II intitulado *Da Syntaxe*. Assim pretendemos fazer uma análise do processo de descrição gramatical; a partição da matéria, a metalinguagem e a terminologia empregadas pelo autor a fim de assinalar as rupturas e continuidades dos conceitos presentes na obra em relação aos empregados por autores do mesmo período e de períodos anteriores. Além disso, essa obra revela que a relação das teorias da gramática geral com as inovações do método histórico – comparativo são mais complexas do que o simples desaparecimento de uma e o aparecimento de outra.

**Um estudo analítico-descritivo da Grammatica Analytica da Lingua
Portugueza do Pe. José de Noronha Napoles Massa**

FINIS CORONAT OPUS

Sumário

Introdução	2
Capítulo I .Fundamentação Teórica.....	3
1.1 A História da Ideias Linguísticas e o processo de gramatização.....	4
1.2 A cronologia dos estudos linguísticos no Brasil	6
1.2.1. Algumas propostas de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil. 7	
Capítulo II. A Grammatica Analytica da Língua Portuguesa e os seus modelos de descrição gramatical.	12
2.A Gramática de Port-Royal- o modelo remoto	
2.1 A pedagogia e a Gramática de Port-Royal.....	12
2.1.2 A Gramática Geral e Razoada ou Gramática de Port-Royal.....	14
2.1.3 A sintaxe de Port-Royal.....	20
2.2 A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa – o modelo próximo	
2.2.1 Jerônimo Soares Barbosa.....	22
2.2.2 o ensino da língua portuguesa e as reformas pombalinas.....	24
2.2.3 A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa.....	26
Capítulo III. A Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa	
3.1 O autor.....	43
3.2 A obra.....	43
3.3 As partes da Gramática.....	45
3.4 A sintaxe na Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa.....	46
3.5 A nomenclatura das orações.....	49
3.6 Complementos.....	53
3.7 Concordância.....	55
3.8 Regência	57
Considerações Finais.....	59
Bibliografia.....	60

INTRODUÇÃO

O objetivo do nosso trabalho de monografia é duplo. O nosso primeiro objetivo, o qual elegemos como principal, é fazer um estudo analítico-descritivo do capítulo de sintaxe da *Grammatica analytica da Língua Portuguesa* (GALP), do Pe. José de Noronha Nápoles Massa, obra publicada em 1888. O nosso segundo objetivo é mostrar como o modelo de análise da proposição sujeito- verbo ser – atributo presente na gramática, nasce das concepções veiculadas pela gramática de Port-Royal.

Para tanto, no primeiro capítulo de nossa monografia teceremos algumas palavras sobre o referencial teórico que nos apoiamos para a análise das obra em questão, isto é, a História das Ideias linguísticas. Assim sendo, destacamos neste capítulo o conceito de *gramatização* formulado por S. AUROUX. Ainda neste capítulo, faremos uma breve revisão da cronologia dos estudos linguísticos no Brasil para, além destacarmos os principais momentos do processo de descrição gramatical, sublinhar um *terminus a quo e o terminus ad quem* para a produção gramatical do século XIX, o período que se insere a GALP.

No segundo capítulo, selecionamos duas obras que servem de referência para a construção da gramática do Pe. Massa: a *Gramática Geral e Razoada* (G.G.R.) ou simplesmente *Gramática de Port-Royal* (1660), seu modelo remoto , e a *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* (G.Ph), de Jerônimo Soares Barbosa (1823). A escolha das obras elencadas acima se deve também ao fato de ambas representarem dois momentos importantes do que se convencionou chamar de concepção racionalista da linguagem.

No terceiro capítulo , deteremo-nos na análise do capítulo intitulado “*Da Syntaxe*” da GALP. Na leitura que propomos da gramática procuraremos demonstrar que, se por um lado a gramática traz poucas novidades em relação ao que já vinha sendo feito em relação ao processo de descrição gramatical do português , por outro , a ideia muito difundida , ainda hoje, de que as gramáticas produzidas sobre a orientação da Gramática Geral, publicada após 1881, são obras “inferiores”, apenas um apanhado , uma coletânea de lições de outros autores sem maiores preocupações ou reflexões teóricas, não condiz com o que encontramos na GALP.

Capítulo I Fundamentação Teórica

Pretendemos, neste capítulo tecer algumas breves considerações sobre os princípios e métodos da História das Ideias Lingüística. No entanto, traçaremos um breve panorama da “revolução” no campo da historiografia iniciada pela escola dos *Annales*.

No início do século XX, na França, a escola dos *Annales* implode a torre de marfim da historiografia tradicional. Para os seus fundadores Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel executar a mudança que desejavam era necessário primeiramente; a) fazer história, deixa de ser fazer narrativas de acontecimento. Assim a história-narrativa é substituída pela análise de uma história-problema.; b) história de todas as atividades humanas e não apenas da história política; c) a colaboração de outras disciplinas como a psicologia, a sociologia, a antropologia dentre outras.

Como bem observa Chevalier (1995), a Linguística não ficou de fora dessa relação quase antropofágica que os *Annales* estabeleceram com as disciplinas vizinhas:

“ No grande jogo contemporâneo das comparações interdisciplinares, parece bastante evidente, ou melhor, natural, que lingüística e história devam ser confrontadas; nesta ciência do movimento dos povos que a história instituiu, seria estanho que não desempenhasse seu papel a ciência que estuda esse movimento essencial de comunicação, as linguagens. (Chevalier, op. cit. P 84)

Além desta estreita relação da história com as demais ciências humanas, conforme bem sublinhou Dosse na sua *História em Migalhas*, uma das principais características que a escola dos *Annales* apresenta desde a sua primeira geração é a sistemática negação do aspecto político:

“ Entre os *Annales* dos anos 30 e os dos anos 80, pode-se localizar certo número de continuidades e descontinuidades. A mesma negação do aspecto político dos *Annales* desde seu nascimento, o mesmo procedimento de captação das ciências sociais, de tudo que aparece como novo, a mesma terceira via entre história tradicional historicista e o marxismo ossificado, da qual os *Annales* preencherão os vazios ao investir em domínios inexplorados, e ao mesmo tempo quebra-mares de resistência ao marxismo e substituto deste último: não ideologia mas

mentalidade, não materialismo mas materialidade, não dialética mas estrutura...” (Dosse, op.cit. p. 370)

Essa negação do aspecto político do horizonte da História permite ao historiador se aventurar cada vez mais a novos campos e novos objetos de pesquisa. A história, portanto, se desloca das hierarquias para as relações, das posições para as representações. A Histórias das “mentalidades” entra em cena, como objeto de pesquisa, a partir das obras de Febvre :

“ Lucien é mais sensível à preocupação propriamente psicológica, ao confronto entre o homem singular e o universo mental no qual ele intervém. Abre assim uma brecha crítica na história tradicional das idéias, ao situar a tarefa do historiador no plano da articulação entre a obra e as condições sociais e mentais que lhe deram origem,” (Dosse,op.cit. p. 126)

Desse modo, a história das mentalidades como afirma Fávero&Molina:

“ (...) busca identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, interpretada e deixada para a posteridade. Nesse sentido, é necessário pensar essa *história* como um trabalho de *representação*, isto é, como são traduzidas as posições e interesses dos indivíduos que compõem a sociedade, como pensam que ela é, como agem, ou gostariam que ela fosse. Essa representação passa a ser entendida como uma interligação: uma *imagem presente* suscita um *objeto ausente*, numa relação de interdependência que regula os indivíduos em diversas situações” (Fáver&Molona, op.cit. p. 23)

1.1 A História das Ideias Linguísticas e o processo de Gramatização.

Seguindo os passos de Auroux, Fávero & Molina (2006) definem deste modo o conceito de ideia linguística: “O que é uma ideia linguística? é todo saber construído em torno de uma língua num dado momento. Como produto quer de uma reflexão metalinguística, quer de uma atividade linguística não explícita”

Compreender o processo de construção e difusão desse saber é o objetivo principal da *História das Ideias Linguística*. Nesse sentido, o historiador pode partir de duas perspectivas metodológicas diferentes.

Conforme observa Orlandi:

“ Fazer história das idéias linguísticas nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil, mesmo antes da linguística se instalar em sua forma definida; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem, tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isso significa que não tomamos o olhar externo do historiador, mas falamos com especialistas em linguagem sobre a linguagem(...) portanto capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas consequências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua” (Orlandi ,2001 apud Fávero & Molina, 2006 p.25)

Assim , nessa concepção, dois enfoques podem ser distinguidos :

(1) O que privilegia uma história “externa” ao pensamento linguístico, enfatizando o contexto socio-cultural no qual as teorias se desenvolvem.

(2) O que privilegia uma história “interna” enfatizando o estudo da evolução das correntes linguísticas.

No nosso trabalho privilegiaremos a “história interna”, isto é, buscaremos historiar os termos e os conceitos empregados pelo autor no seu trabalho de descrição gramatical . No entanto, sabemos que muitos dos “fatores internos” só são plenamente compreendidos se ampliarmos o nosso campo de visão, isto é, se buscarmos explicações no contexto sócio-cultural em que a obra se insere. E é isto que pretendemos fazer sempre que necessário.

Segundo Auroux , a gramatização é um processo histórico, isto é, uma revolução científica que produziu a gramatização massiva das línguas do mundo a partir de dois *instrumentos* linguística, a gramática e o dicionário .

“ Vamos nos dar o longo prazo da história e considerar globalmente o desenvolvimento das concepções lingüísticas européias em um período que vai da época tardo-antiga (século V de nossa era) até o fim do século XIX. No curso desses 13 séculos de história vemos o desenrolar de um processo único em seu gênero: a *gramatização massiva* , a partir de uma só tradição lingüística inicial (a tradição grego-latina), das línguas do mundo” (Auroux 1992,p.35)

O que torna operante o conceito de gramatização formulado por Auroux, é a consciência da sua distribuição em rede:

“ Falar da constituição em rede do conhecimento lingüístico no processo massivo da gramatização é mais do que uma simples imagem. É essa estrutura que torna eficaz o acúmulo de conhecimentos – ou, se quisermos, a acessibilidade generalizada de todos os pontos da rede ao menor custo, para os que se situam em alguns pontos (alemão, inglês, espanhol, francês, italiano, português) que tem entre si uma relação fortemente conexa, ou, mais simplesmente para aqueles que conhecem o latim.” (id., p.45)

Partiremos desse conceito de gramatização que analisaremos a obra do Pe. Jose de Noronha Nápoles Massa, buscando sempre relacionar os conceitos apresentados na gramática com a longa tradição do processo de descrição gramatical que surgiu a partir da Europa.

1.2 A cronologia dos estudos linguísticos no Brasil

O século XIX é um período de intensa produção gramatical. No entanto, essa produção só recentemente vem sendo redescoberta. No que concerne ao período que nos interessa cabe ressaltar neste momento o trabalho de Fávero& Molina(2006) “ *As Concepções Lingüísticas no Século XIX – A Gramática no Brasil*”, obra que desde o seu lançamento se tornou referência para o estudo do período. Neste trabalho as pesquisadoras traçam um quadro geral da produção gramatical do período dividindo-o em “obras sob a orientação da Gramática Geral e Filosófica” e “obras sob a orientação das Correntes Científicas”. Outro trabalho de importância para uma

compreensão do período é o de Ricardo Cavaliere (2000) “ *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira*”. Nesse trabalho o autor se debruça no segundo momento da produção gramatical do século XIX que denominou de “Gramática Científica”. Além desse trabalho, Cavaliere(2001) na sua *Proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil*, também se aventurou na tentativa de historiar e organizar a nossa produção linguística .

Assim sendo, nos apoiaremos nestes trabalhos para traçar um breve panorama dos estudos linguísticos no Brasil.

1.2.1 Algumas propostas de periodização dos estudos linguísticos no Brasil

Fávero & Molina (2006) nos alertam sobre os perigos e as dificuldades de qualquer tentativa de periodização e classificação de qualquer área do saber, o que inclui a divisão do nosso processo de gramatização:

“ Como fruto do conhecimento humano, o saber não é estanque e tão facilmente delimitado. Há períodos de transição, há estudiosos que contestam mudanças, há os que aceitam novas propostas com os pés ainda fincados nas antigas, há os que aderem à modernidade. Por isso, a dificuldade de divisão de nosso processo de gramatização e a importância desses trabalhos de delimitação, já que se debruçam sobre toda nossa produção, objetivando organizar nosso material linguístico”
(op.cit. p 51)

Conforme observa o próprio Cavaliere , embora seja fundamental o trabalho de organizar em períodos a produção gramatical brasileira, poucos foram os autores que se dedicaram a esta difícil tarefa :

“ Não foram muitos os estudiosos das questões historiográficas que se impuseram a tarefa de edificar um periodização dos estudos linguísticos e filológicos no Brasil. Considerando que a própria trajetória da produção científica brasileira nesses campos ainda não mereceu obra de maior fôlego, naturalmente ainda ressentimo-nos de uma visão abrangente de todo o percurso já feito, de tal sorte que se possam segmentar com rigor e precisão os momentos de continuidade e

descontinuidade que se evidenciam nas novas vertentes do caminho trilhado (Cavaliere , 2001,pp.49-50)

As principais propostas de periodização são as de Antenor Nascentes (1939) na sua obra *A filologia Portuguesa no Brasil, Ensaio de filologia e Linguística* , de Silvio Elia (1975), *Os estudos filológicos e lingüísticos no Brasil - Uma tentativa de Periodização*, de Eduardo Guimarães (1996) *Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: a gramaticalização brasileira*, de Leodegário A. de Azevedo Filho (2002) e a do próprio Cavaliere(2002), *Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil*.

Antenor Nascentes, historiando reconhece períodos distintos dos nossos estudos lingüísticos, os quais foram denominados por ele “ período embrionário”, “período empírico” e “período gramatical” .

O “ período embrionário” é definido como o período do surgimento da cultura brasileira até 1835, ano de publicação da obra de Antônio Álvares Pereira Coruja, *Compêndio da gramática da língua nacional*. Na sequência temos o “ período empírico” que se inicia em 1835 e vai até 1881, ano da publicação da obra de Júlio Ribeiro, *Grammatica Portuguesa*. O terceiro período se inicia em 1881 e vai até 1939, data da fundação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, o início de um quarto período se daria a partir desta data.

Já Silvio Elia em 1975, no texto *Os estudos filológicos e lingüísticos no Brasil* , que aparece no volume *Ensaio de filologia e linguística*, reconhece apenas dois grandes períodos na nossa produção lingüística: o “ vernaculista “ e o “ científico”. O primeiro período vai de 1820, quando ocorre a nossa independência política , até 1880¹.

Conforme sublinham Fávero & Molina:

“ [Esse período] caracteriza-se por contradições entre as preocupações puristas, de estudiosos conservadores, com os representantes da nova geração. Em outras palavras, foi o momento bipolar de encontro da corrente classicizante – dos que queriam a Língua Portuguesa calcada no modelo lusitano – com a dos reformistas – dos que aceitavam os vários falares que começavam a constituir a Língua Portuguesa do Brasil.” (op. cit. P.48)

¹ Como sublinham Fávero & Molina, o autor reconhece 1880 a data aproximada da escritura da Gramática de Júlio Ribeiro.

O segundo período, denominado “científico”, que se inicia em 1880 e que só termina em 1960 compreende dois momentos: o primeiro, de 1880 a 1900, é o momento em que “ a renovação prevalece sobre o conservadorismo do período anterior”.(Fávero&Molina,p.48)

Cabe destacar também que este foi o momento de implantação do programa de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II, cujo conteúdo, como sabemos, norteou a elaboração de muitas gramáticas.

O segundo momento desse segundo período ,que vai de 1900 a 1960, Elia reconhece três gerações distintas. Fávero & Molina sintetizam as principais características destas geração nos seguintes termos:

“ A primeira [geração], que vai de 1900 a 1920, inicia-se com o combate à base normativa de direção vernaculista, por Heráclito Graça e Mário Barreto e tem como representantes: Pacheco Júnior, Said Ali e Otoniel Mota. A segunda geração, de 1920 a 1940, é formada pelos estudiosos que aprenderam nas lições dos grandes nomes da filologia portuguesa: Augusto Magne, Antenor Nascentes, Souza da Silveira, José Oiticica, Clóvis Monteiro, e, um pouco anteriores, Silva Ramos e Sílvia de Almeida. A última geração, de 1940 a 1960, contemporânea de Silvio Elia, representa a transição entre o autodidatismo das gerações anteriores e a formação universitária.” (op.cit.48)

Guimarães, seguindo a proposta de Nascentes, no seu estudo do processo de gramatização brasileira reconhece quatro grandes períodos. O primeiro período nasce com o descobrimento e caminha até o século XIX com as polêmicas a respeito da língua falada no Brasil. A passagem do primeiro período para o segundo é marcada pela discussão a respeito dos *brasileirismos* e a publicação em 1881, da gramática de Júlio Ribeiro, chegando até os fins dos anos 30 com a fundação das Faculdades de Letras no Brasil. Um fato marcante deste período, segundo o autor, é a fundação, em 1897 da *Academia Brasileira de Letras*. O terceiro período inicia-se no final dos anos 30 e termina em meados dos anos 60, quando a disciplina Linguística torna-se obrigatória para os cursos de Letras. O quarto e último período começa em 1965 e permanece até os dias atuais, marcado por uma multiplicidade de linhas de pesquisa, passando pela Análise do Discurso, as perspectivas estrutural, gerativa, funcional, a pragmática e etc.

Leodegário A. de Azevedo Filho, na sua proposta de periodização, divide a nossa produção linguística em cinco momentos distintos: o primeiro é denominado “período de estudo inicial das línguas indígenas em contato com o português. Esse período compreende, portanto, todo o século XVI, destacando-se a obra de José de Anchieta, *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*; o segundo, denominado de “período de imitação da gramática portuguesa, abarca todo o século XVII e XVIII; o terceiro período, Azevedo Filho denomina “período purista e de diferenciação idiomática”, que se inicia em 1835 com a obra de Antônio Álvares Coruja, *Compêndio de Língua Nacional* e vai até 1881, data em que se inicia o quarto período denominado de “período vernaculista e de evolucionismo linguístico”, com a gramática de Júlio Ribeiro; o último período chamado de “período filológico e linguístico compreende o século XX. Azevedo Filho divide este último períodos em quatro gerações: na primeira destacam-se os trabalhos de Heráclito Graça e Mário Barreto; na segunda geração, os estudos de Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Augusto Magne, dentre outros; na terceira geração, o seu principal representante é Matoso Câmara Júnior; a última geração abarca uma série muito extensa de nomes e tem como principal característica a pluralidade de interesses.

Por fim, a proposta mais recente de periodização dos estudos gramaticais, a de Cavaliere, é como diz o próprio autor, é baseada em dois fatores:

“ Julgo possível uma tentativa de periodização Heterogênea, com fulcro em dois fatores: as fontes teóricas, que dão feição a novas ordens no desenvolvimento e difusão dos estudos linguísticos, e as obras representativas desses momentos de ruptura. As fontes teóricas conferem unicidade e identidade ao período, ao passo que as publicações atuam como marcos históricos de sua vigência.”
(Cavaliere 2001,p.56)

A proposta de Cavaliere divide os estudos linguísticos no Brasil em quatro períodos; o primeiro é denominado “embrionário”, termo emprestado de Antenor Nascentes, vai de 1595, ano da publicação da *Arte de gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*, de José de Anchieta, a 1802, quando surge a *Epítome da Grammatica portugueza*, de Antonio Moraes e Silva.; o segundo período chamado “racionalista” que se inicia em 1802, com a publicação do *Epítome da grammatica portugueza*, de Moraes e Silva e termina em 1881, com a publicação da gramática de Júlio Ribeiro; o terceiro período, denominado “científico” é subdividido em duas fases: uma fase “fundadora”(1881-1920), que se inicia em 1881 com a gramática de

Júlio Ribeiro e uma outra fase “ legatária”(1920-1941) em que os pesquisadores buscam uma descrição mais minuciosa das construções portuguesa.

O último período denominado “ lingüístico” , que data de 1941 até os dias atuais, também subdivide-se em duas fases: a estruturalista e a diversificada.

A fase estruturalista tem, como marco principal, publicação dos *Princípios de Linguística Geral*, de Matoso Câmara Jr. e a fase diversificada, que vai de 1980 até os dias atuais, é o momento em que várias linhas de pesquisa. se desenvolvem paralelamente.

Após esse breve percurso por diversas proposta de periodização, podemos definir da seguinte maneira um *terminus a quo* e o *terminus ad quem* para a produção gramatical do século XIX ; período “ racionalista” ou de “orientação da Gramática Geral e Filosófica”²; início com a publicação do *Epítome da Gramática Portuguesa* em 1802, e o término desse período e o início do período seguinte com a publicação em 1881 da *Gramática Portuguesa* , de Júlio Ribeiro.

² Fávero & Molina dividem a produção gramatical do século XIX em; “ obras sob a orientação da Gramática Geral e Filosófica e “ obras sob a orientação das Correntes Científicas”.

Capítulo II

A *Grammatica Analytica* da Língua Portuguesa e Os seus modelos de descrição gramatical

A *Grammatica analytica da Língua Portuguesa* publicada em 1888, se constrói a partir do diálogo com uma longa tradição da gramática geral e filosófica. Assim sendo, na leitura que propomos nos apoiaremos em duas obras de referência para a construção da gramática: a *Gramática Geral e Razoada (G.G.R)* ou simplesmente *Gramática de Port-Royal* (1660), seu modelo remoto, e a *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza (G.Ph.)*, de Jerônimo Soares Barbosa ,publicada em 1823(mas escrita pelo menos vinte anos antes) seu modelo próximo. A escolha se deve ao fato de que as obras representam dois momentos diferentes do que se convencionou chamar de concepção racionalista da linguagem, que teve seu início com Port-royal no século XVII e se estendeu no Brasil até o final do século XIX com as gramáticas gerais tardias.

Nesse primeiro momento antes de nos determos com mais atenção na análise da *Gramática analítica da língua portuguesa*, faremos uma breve descrição tanto da gramática de Port-Royal quanto da gramática de Soares Barbosa ,sublinhando o contexto de produção em que cada uma das obras emerge.

2. A Gramática de Port-Royal – O modelo remoto

2.1. A Pedagogia e a Gramática de Port-Royal

. A gramática de Port-Royal é um dos frutos de um processo de renovação na concepção pedagógica iniciada pelos professores de Port-Royal nas suas *petites écoles* , e as principais linhas dessa nova concepção de ensino passaremos a examinar .

Segundo Franco Combi (1999 p. 293) “as pequenas escolas de Port- Royal têm uma vida bastante curta , mas uma fortuna muito maior graças à imposição lógica e ao forte empenho ético que as caracterizam”.

As “pequenas escolas eram para poucos alunos,cerca de cinco ou seis no máximo, também não eram admitidos qualquer um “ só eram admitidas crianças de ‘boas casas , boa raça e boa

cepa': filhos de nobres da alta burguesia, de parlamentares e de comerciantes honestos”(GGR p.XXII).

A orientação pedagógica dessas “pequenas escolas” se funda principalmente no princípio jansenista³ da queda do homem e da sua inclinação para o mal.

“ A idéia das escolinhas foi de Saint Cyran,mas expostas e desenvolvidas por De Sainte-Marte e Walon de Beaupuis. Os princípios pedagógicos se fundamentam na idéia da queda do homem. Para eles, a criança constitui a imagem perfeita dessa queda: nenhuma liberdade, nenhuma palavra (*infans* “que não fala”), submetida aos instintos e à concupiscência; imita tudo, ignora tudo,quer tudo. E a função da pedagogia é reconstruir o homem como ele era antes da queda. (id, ibid p. XXI)

Partindo dessas premissas, os mestres de Port-Royal elaboram uma programa de ensino que se organizava em torno do ensino de rígidos princípios morais, do ensino de línguas e da importância do uso das faculdades da razão.

No campo lingüístico os mestres de Port-Royal introduzem o método de ensino de leitura e escrita que partia do ensino das vogais e dos ditongos e depois o ensino das consoantes combinadas com as vogais. O que hoje pode parecer obvio para nós foi uma verdadeira revolução para a época.

No ensino de latim , os professores de Port-Royal seguem a mesma orientação, isto é, ensinam partindo da língua materna. Traduzem os autores clássicos da literatura latina como Cícero, Plauto, Terêncio etc.

“ Na tentativa de apagar a impressão de estarem os alunos às voltas com alfarrábios poeirentos e autores ultrapassados, os preceptores de Port-Royal faziam a leitura e a tradução de textos latinos em voz alta, dando-lhes vida e ênfase.” (id, ibid, XXV)

³ O jansenismo foi um movimento de caráter dogmático, moral, disciplinar que assumiu também contornos políticos. O movimento originou-se a partir das ideias de seu fundador, o bispo de Ypres Cornelius Jansen..

Nessa concepção , só depois desse primeiro contato com os autores clássicos através do trabalho de tradução efetuado pelos professores é que os estudantes começariam a tomar contato com a língua latina.

De todas as inovações propostas pela escola de Port-Royal, Combi (1999) sublinha o aspecto mais relevante:

“ O aspecto talvez mais relevante da pedagogia port-royalista é , porém, o reconhecimento da importância que a lógica, entendida como capacidade de julgamento , tem no processo educativo: há uma passagem na lógica de Arnauld que exprime de maneira muito eficaz esse objetivo: ‘ A aplicação precípua e a meta de quase todos os nossos estudos deveria ser a formação do julgamento e a sua maior perfeição’”
(Combi , op.cit. p. 295)

Infelizmente o trabalho de renovação pedagógica e didática iniciada pela escola de Port-Royal durou apenas 22 anos. Vitima de perseguição religiosa e ciúmes de muitos, principalmente dos jesuítas que detinham a hegemonia da instrução no período, as pequenas escolas fecham as portas em 1655. Os docentes, então, dedicam-se à composição de obras que expunham as concepções didáticas e pedagógicas e orientavam o ensino em Port-Royal. E um desses trabalhos é a Gramática Geral e Razoada, que ficou conhecida como a Gramática de Port-Royal, obra que examinaremos em seguida.

2.1.2 A Gramática Geral e Razoada ou Gramática de Port-Royal

A GGR é um trabalho de dois professores da escola de Port-Royal. A GGR está estritamente ligada a outras produções dos mestres de Port-Royal; à lógica de Arnauld e às gramáticas de Lancelot.

Lancelot publicou muitos métodos; *Nouvelle méthode pour apprendre La langue latine* dedicado a Luis XIV, *Nouvelle méthode pour apprendre La langue grecque* , *Nouvelle*

méthode pour apprendre La langue italienne e Nouvelle méthode pour apprendre La langue espangnole .

Nesse “nouvelle méthode” Lancelot inaugura uma nova orientação didática no ensino da língua latina;

“ Lancelot procura unir aí o ‘sólido e o polido’ , mas a característica fundamental desse método está em partir sempre do francês. Até então, as crianças deviam aprender o alfabeto e a soletrar com base de um texto em latim, esforço imenso que consumia três ou quatro anos, o que levou Saintte-Beuve a dizer que ‘que os infelizes se viam às voltas com o incompreensível para se dirigirem ao desconhecido’ (GGR,pp XIV-XV)

Também é possível traçar um paralelo entre a GGR e a Lógica ou a *Arte de pensar* escrita por Arnauld .

“ O grande Arnauld desenvolveu um ramo do cartesianismo a que o próprio Descartes não se havia dedicado: o estudo e a análise da linguagem em geral, partindo da hipótese de ser ela de natureza racional. Esse ramo de estudo foi implantado e naturalizado em Port-Royal, cujo fruto é esta *Grammaire générale et raisonnée (...)* “
(Id. Ibid.XXVI)

Inicialmente, é preciso destacar na GGR seus dois qualificativos “geral” e “racional”. Trata-se de uma gramática geral pois visa a estabelecer as regras comuns para o funcionamento de todas as línguas. Mas, também é racional (razoada) porque estabelece um paralelo entre as operações do pensamento e as operações da língua .

No primeiro capítulo os autores definem as bases desse paralelismo lógico-gramatical: “ A Gramática é a arte de falar. Falar é explicar seus pensamentos por meio de signos que os homens inventaram para este fim.” (GGR ,p 3).

Existem três operações do nosso espírito que se traduzem em formas lingüísticas: conceber, julgar e raciocinar.

“Todos os filósofos ensinam que nosso espírito há três operações: CONCEBER, JULGAR E RACIOCINAR.

CONCEBER não é mais que um simples de nosso espírito sobre as coisas, seja de um modo puramente intelectual, como quando conheço o ser, a duração, o pensamento, deus; seja com imagens físicas, como quando imagino um quadrado, um círculo, um cachorro, um cavalo.

JULGAR é afirmar que uma coisa que concebemos é tal ou não é tal, como quando afirmo, depois de ter concebido o que é a *Terra* e o que é *Redondo*, que *a Terra é Redonda*.

RACIOCINAR é servir-se de dois julgamentos para produzir um terceiro, como quando concluo, após ter julgado que toda virtude é louvável, que a paciência é louvável” (GGR, 2001, PP29-30)

O julgamento toma a forma de uma *proposição* composta de dois termos: o sujeito e o atributo e uma ligação estabelecida pelo verbo ser.

“ O julgamento que fazemos das coisas, como quando digo ‘ a Terra é Redonda’, se chama PROPOSIÇÃO; e assim toda proposição encerra necessariamente dois termos: um, chamado *sujeito*, que é aquilo do que se afirma algo, como *terra*; o outro, chamado *atributo*, que é o que se afirma, como *redonda* – além da ligação entre esses dois termos : é.(id. Ibid p. 30)

Do exposto acima percebe-se que a GGR apresenta uma estrutura tripartida da proposição. A proposição segue o modelo seguinte:

- ✓ O sujeito que sobre o que se afirma ou nega alguma coisa.
- ✓ O atributo que é aquilo que é afirmado ou negado.
- ✓ E entre os dois se encontra o verbo “é”.

O verbo nessa estrutura assume uma importância fundamental, pois ele afirma o julgamento e faz a ligação entre os outros dois termos da oração:

“ É exatamente isso é o verbo, uma palavra *cujo principal emprego é significar a afirmação* , isto é, indicar que o discurso, em que essa palavra é empregada, é o discurso de um homem que não concebe somente as coisas, mas que as julga e as afirma.” (GGR,2001,p 81)

E, um pouco mais adiante:

“ Assim sendo, pode-se dizer que o verbo, por si mesmo, não deveria ter outro emprego senão o de indicar a ligação que fazemos em nosso espírito dos dois termos de uma proposição; contudo, apenas o verbo *ser*, chamado substantivo, conservou essa simplicidade e pode-se ainda dizer que ele só se conservou assim, propriamente , na terceira pessoa do presente, *é*, e em determinadas situações.” (id, ibid, p.82)

O verbo *ser* (é) o verbo substantivo é o verbo por excelência pois é ele que marca a afirmação de uma proposição. Ele está presente em todos os outros verbos, uma vez que podemos decompor qualquer verbo pela estrutura ; verbo *ser* + particípio presente. Esta representação da proposição e esta definição do verbo substantivo formam o quadro geral da análise sintática de Port-Rroyal.

Essa definição de proposição, unidade fundamental da descrição gramatical, reinou soberana por muito tempo. E o mais surpreendente é que quando observamos a GGR percebemos que dos seus vinte e quatro capítulos da sua segunda parte apenas o último é dedicado exclusivamente à sintaxe.

A gramática é dividida em duas parte: a primeira é dedicada à parte mecânica da língua (VII capítulos) e a segunda que se dedica à parte lógica da língua (XXIV capítulos). As partes são divididas da seguinte maneira:

PRIMEIRA PARTE

Onde se fala das letras e dos caracteres da escrita

- I. Das letras como sons e primeiramente das vogais.
- II. Das consoantes.
- III. Das sílabas.

- IV. Das palavras como sons, onde se fala do acento.
- V. Das letras consideradas como caracteres.
- VI. De uma nova maneira de aprender a ler facilmente em todos os tipos de língua.

SEGUNDA PARTE

Onde se fala dos princípios e dos motivos sobre os quais se baseiam as diversas formas da significação das palavras

- I. Que o conhecimento daquilo que se passa em nosso espírito é necessário para compreender os fundamentos da Gramática; e que é disso que depende a diversidade das palavras que compõem o discurso.
- II. Dos nomes e primeiramente dos substantivos e adjetivos.
- III. Dos nomes próprios e apelativos ou gerais.
- IV. Dos números singular e plural.
- V. Dos gêneros.
- VI. Dos casos e das preposições na medida em que é necessário falar delas para se entender alguns casos.
- VII. Dos artigos.
- VIII. Dos pronomes.
- IX. Do pronome chamado relativo.
- X. Exame de uma regra da língua francesa que é: não se deve colocar o relativo depois de um nome sem artigo.

- XI. Das preposições.
- XII. Dos advérbios.
- XIII. Dos verbos e daquilo que lhes é próprio e essencial.
- XIV. Da diversidade das pessoas e do número dos verbos.
- XV. Dos diversos tempos dos verbos.
- XVI. Dos diversos modos ou maneiras dos verbos.
- XVII. Do infinitivo.
- XVIII. Dos verbos que podem ser chamados adjetivos, e de suas diferentes espécies, ativos, passivos e neutros.
- XIX. Dos verbos impessoais.
- XX. Dos participípios.
- XXI. Dos gerundivos e dos supinos.
- XXII. Dos verbos auxiliares das línguas usuais.
- XXIII. Das conjunções.
- XXIV. Da sintaxe ou construção das palavras em conjunto.

Nota-se que a GGR na sua segunda parte se constrói a partir do conceito de classe de palavras ou partes do discurso, seguindo a tradição gramatical que remete à gramática Greco-latina .

2.1.3 A sintaxe de Port-Royal

A sintaxe ocupa na GGR o último capítulo intitulado⁴ “ Da sintaxe ou construção das palavras em conjunto”. Capítulo curto que consta de aproximadamente três páginas, mas que apresentam conceitos que se notabilizarão por muitos séculos.

O capítulo abre com a clássica distinção entre sintaxe de conveniência e sintaxe de regime:

“ A construção das palavras se distingue geralmente da de conveniência , em que as palavras devem convir entre si, e da do regime, quando um dos dois causa uma variação no outro” (GGR, 2001,p 125)

A sintaxe de conveniência “ é a mesma em todas as línguas, porque se trata de uma sequência natural daquilo que está em uso quase por toda parte, para melhor distinguir o discurso” (id, ibid).

A segunda, a sintaxe de regime muda conforme as línguas:

“ A sintaxe de regime, ao contrário, é quase toda arbitrária e por isso se encontra muito diferenciada em todas as línguas: pois umas fazem o regime através dos casos, outras, em vez de casos, empregam apenas partículas que os substituem, não indicando senão um pouco desses casos, como em francês e em espanhol só se dispõem de *de* e de *à* , que indicam o genitivo e o dativo; os italianos acrescentam *da* para o ablativo. (id, ibid, p. 126)

Na sequência, no final do capítulo, os autores tratam das figuras de construção. As figuras são um instrumento de compreensão e análise do discurso , uma vez que muitas vezes falamos através de “uma sintaxe irregular”. E essa falta de regularidade dos elementos da oração têm o seu fundamento em certas liberdades que são facultadas à língua.

⁴ Note-se que muita das questões que normalmente seriam tratadas no capítulo de sintaxe aparecem em diversos momentos do livro, como por exemplo o conceito de proposição e sua estrutura tripartida que é tratada principalmente no capítulo destinado ao estudo do verbo e a distinção entre oração principal e subordinada que aparece no capítulo dedicado ao estudo do pronome relativo.

“ Como, porém, os homens muitas vezes seguem mais o sentido de seus pensamentos que as palavras das quais se servem para expressá-los, e que, para abreviar, muitas vezes suprimam alguma coisa do discurso, ou ainda que, tendo em vista a elegância ,deixem aí alguma palavra que parece supérflua, ou que invertam a ordem natural, daí se originou que se introduzem quadro modos de falar, denominados *figurados*, que são como outras tantas irregularidades na Gramática, ainda que sejam por vezes aperfeiçoamentos e belezas nas línguas.” (id,ibid, p. 128)

Esses “quatro modos de falar figurados” remetem a quatro figuras que corresponderiam a quatro modos de modificação da linearidade da cadeia sintática. As quatro figuras de construção são a *silepse*, a *elipse*, o *pleonasma* e o *hipérbato*.

A “teoria das figuras” foi mais um legado da GGR⁵ que perdurou com poucas alterações até o século XIX e, como observa , G.Clerico;

“ Le fait que tous ces grammairiens utilisent avec Constance et régularité lês mêmes figures confirme leur appartenance à um même courant de pensée et de pratique grammaticale, celui de la grammaire générale. L’utilisation commune dès mêmes outils méthodologiques dépasse Le plan de la simple technique d’exploration ou de présentation, elle revele um cadre épistémologique souvent très voisin” (G.Clerico op.cit. p.5)

A GGR representa um momento singular tanto na história da lingüística quanto na história da pedagogia.. Sua importância ultrapassa os limites do campo do propriamente lingüístico, chegando a representar o início de uma mudança da concepção de mundo que até o momento se conhecia. Michel Foucault, no seu livro *As palavras e as coisas*(2002), analisando as mudanças de episteme ocorridas no renascimento passando pelo classicismo até chegar ao século XIX reconhece na gramática de Arnauld e Lancelot um momento decisivo que representaria a mudança de uma concepção de mundo herdada do renascimento. No final da década de sessenta

⁵ Clerico tratando no seu artigo especificamente da enalage informa que a utilização das figuras no processo de descrição gramatical remonta aos gramáticos do século XVI como Santius em sua *Minerva*

Noam Chomsky no seu livro *Linguística Cartesiana* traça um paralelo entre as concepções de Port-Royal e as concepções da gramática gerativa transformacional. Por esses motivos a gramática de Port-royal tornou-se um capítulo importante na história das ciências da linguagem .

2.2. A *grammatica Philosophica* da lingua Portuguesa – O modelo próximo

A *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza* (G.Ph.) de Jerônimo Soares Barbosa é ainda hoje considerada um dos textos fundamentais na história da tradição gramatical portuguesa. Podemos avaliar a sua influência, observando o grande número de referências que a ela se fez durante todo o século XIX e XX.

A seguir, traçaremos uma breve biografia de seu autor e faremos algumas observações sobre o contexto de renovação didático- pedagógico no qual a obra se insere.

2.2.1 Jerônimo Soares Barbosa⁶

Jerônimo Soares Barbosa era natural de Ansião, onde nasceu 1737. Estudou no seminário de Coimbra, onde é ordenado presbítero em 1762. Recebe o grau de Bacharel em Direito Canônico na universidade de Coimbra no ano de 1768. Sua vida desde o início esteve ligada ao ensino: no período de 1766 a 1790 exerceu a docência de retórica e poética na colégio das artes. Em 1789 é nomeado sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e designado inspetor de ensino primário na circunscrição escolar de Coimbra no ano de 1792. Um ano depois é encarregado de promover e dirigir as edições de autores clássicos para o uso das escolas. Em 1799 é nomeado vogal da junta da diretoria geral dos estados na universidade de Mondego

Na universidade dedicou-se ativamente ao ensino e à investigação. Consagrou-se como professor de retórica e poética, dedicando-se principalmente ao estudos dos autores gregos e latinos. “ As suas lições nesta matéria, segundo parecer do seu colega da universidade de

⁶ Os dados sobre a vida e a obra de Soares Barbosa encontram-se em Casteleiro (1981)

Lisboa, revelavam profundo saber, notável juízo crítico e eficiência pedagógica” (Casteleiro, 1981 p. 101). Como resultado da sua atividade docente promoveu a tradução de obras como a *instituições oratórias* (Quintiliano) e *Poética* (Horácio).

Soares Barbosa também concentrou seus esforços na renovação dos métodos de ensino que vigoravam no período. Com esta intenção publicou em 1796 uma gramática elementar da língua portuguesa destinada à alfabetização, *Escola popular das primeiras letras*, onde cada lição é acompanhada de instruções para o mestres. Algum tempo depois em 1807 publicou *As duas línguas*, uma espécie de gramática comparada do Português e do Latim.

“ Com este livro o autor propõe-se lutar contra a prática seguida nas escolas ,segundo a qual primeiro se ensinava a gramática latina e só depois a portuguesa. J.S.Barbosa defende justamente o método inverso. Diz ele que os alunos apreenderão com mais facilidade a gramática da língua portuguesa, pois têm a prática e o uso desta como língua materna. Depois de dominada a gramática do português, a tarefa de aprender a gramática latina será mais fácil e exigirá menos tempo.”
(id, ibid, p.102)

No entanto, a obra que consagrou Soares Barbosa foi a *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* (G.Ph.) publicada em 1822 (mas escrita pelo menos duas décadas antes), “ a qual ainda hoje se pode considerar como um dos melhores modelos de descrição gramatical existentes sobre o Português” (id. Ibid. 103).

Segundo Leonor Lopes Fávero(1993) na sua tese de Livre-docência “ As concepções lingüísticas no século XVIII , em Portugal” e Manuel Amor Couto (2004) no artigo “ Gramática e teorização lingüística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerônimo Soares Barbosa” a Gramática Filosófica se insere no movimento de renovação pombalina. A seguir passaremos a examinar com um pouco mais de atenção esse movimento de renovações pombalina.

2.2.2 O ensino de língua Portuguesa e as reformas pombalinas

De um modo geral, podemos dizer que no que concerne à educação, as reformas iniciadas pelo marques de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, eram orientadas a um único alvo; os jesuítas e o seu método “escolástico” de ensino.

“ A preocupação pedagógica do Iluminismo português e europeu retoma as idéias de reforma já existentes na Europa do século XVI (Vives , Melanchton, Petrus Ramus...) e manifesta-se na época pombalina numa crítica radical do ensino jesuítico e dos seus procedimentos, baseados na filosofia aristotélica, no comentário textual, na *disputatio* entendida como simples exercício mecânico de habilidade lógico-formal e numa casuística arbitrária e probabilística. Em oposição a este ensino jesuítico estava o propugnado pelos iluministas, em que a teoria e a prática pedagógica tinha como elemento essencial a idéia de método, uma das quatro divisões da Lógica (as outras três eram a origem e a natureza das idéias, o juízo e o raciocínio “. (Couto,2004 pp 13-14)

Neste contexto sócio-cultural surge a obra de Luis Antonio de Verney, “ o verdadeiro método de estudar” que aparece em 1749.

“ Verney ataca duramente o método empregado pelos jesuítas; certas obras por eles usadas, entre as quais a gramática do Pe. Álvares, totalmente redigida em latim, merecem uma condenação categórica. O novo método valoriza o ensino da gramática da própria língua (idéia esta já defendida por João de Barros, Amaro de Roboredo), propõe que o ensino de uma língua estrangeira ou de uma disciplina seja na língua materna e não em latim” (Sterse, op. Cit. P. 60)

E, mais adiante

“ O método preconizado por Verney dá ênfase ao raciocínio e condena o verbalismo vazio. A língua portuguesa, base de qualquer estudo, gramatical ou não, necessita de uma gramática mais prática e objetiva.

Em nome do método lança, pois a idéia de uma nova gramática portuguesa “ curta e clara”, com um plano ortográfico definido, com a simplificação das regras de sintaxe, uma gramática que, fundamentada na razão, possa explicar e reduzir, por intermédio de princípios universais, os numerosos preceitos então existentes.” (id, ibid, 60-61)

Do mesmo modo que Verney, Soares Barbosa na sua G.Ph. faz uma crítica dirigida aos métodos de ensino utilizados. Essa crítica se dirigia tanto aos métodos utilizados pelos professores nas escolas quanto à maneira pela qual estes manuais apresentavam o objeto de estudo propriamente gramatical.

“ Mas todas estas grammaticas , além de muitos erros e defeitos particulares, que nos seus logares notarei, tem o commum de serem uns systemas meramente analogicos , e fundidos todos pela mesma fôrma das grammaticas latinias; e n’esta mesma consideração ainda mui imperfeitas por falta de muitas observações necessárias sobre o gênio particular e character da Língua Portuguesa.” (G. Ph.. XIII).

Como se pode observar, a obra de Soares Barbosa reflete um momento de ruptura que caracterizava Portugal naqueles anos de renovação cultural. Momento este de disputas que colocavam em lados opostos uma concepção de ensino fundada na tradição escolástica jesuítica e uma nova concepção que varria toda a Europa ; o Iluminismo.

“ Ma, por mais original que seja, em termos portugueses, a gramática filosófica, ela não constitui , porem , um fato isolado, a desafiar explicações. Ao contrário, seu aparecimento, nos primórdios do século passado ,(sic) demonstra no seu autor um homem profundamente afinado com as lutas em prol da renovação cultural da sua época, já que sua novidade não se esgota a nível da realização de mais um projeto lingüístico, senão que se estende muito além disso.”
(Lopes, op. cit. ,p. 39)

2.2.3 A Gramática Philosophica da Língua Portuguesa⁷

Em relação à sua construção, a gramática apresenta a seguinte estrutura:

- ✓ Introdução (constando a data de 1803)
- ✓ Livro I – Da orthoepia ou boa pronúncia da língua portuguesa
- ✓ Livro II – Da orthographia ou boa escriptura da língua portuguesa
- ✓ Livro III – Da etymologia ou partes da oração portuguesa
- ✓ Livro IV- Da syntaxe e construção

Como se pode observar das quatro partes da gramática duas ocupam-se do seu aspecto “mecânico”; a ortoépia e a ortografia. As outras duas tratam especificamente do aspecto “lógico” da língua; a etimologia e a sintaxe.

A seguir faremos algumas observações sobre cada uma das partes da gramática para nos determos com mais vagar à parte dedicada à sintaxe, tema principal de nossa investigação.

A introdução (1803)

Apesar de sua primeira edição constar a data 1822, podemos deduzir que foi concluída em 1803, uma vez que na introdução consta a data de 24 de junho do mesmo ano. Nesta introdução, Soares Barbosa faz observações importantes sobre questões fundamentais, como por exemplo, a necessidade de uma gramática construída a partir relação das regras da linguagem com as regras da lógica, a urgência de uma reforma do ensino e além disso, apresenta também a divisão e o conteúdo das partes da gramática.

Como sublinhado anteriormente, em diversas passagens da gramática encontramos críticas referentes aos modelos e métodos de ensino. E na introdução essas críticas aparecem em mais de um momento:

“ Porém deixada [a gramática] pelos philosophos nas mãos de homens
ou ignorantes ou pouco hábeis, se reduziu a um systema informe e

⁷ Utilizamos no nosso trabalho a sétima edição publicada em 1881

minucioso de exemplos e regras, fundadas sobre analogias apparentes que sobre a razão, a quem so pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da linguagem, e segundo ellas ordenar a grammatica de qualquer língua particular. D'aqui nasceram todas estas artes enfadonhas de grammatica latina, cheias de mil erros e de tantas excepções quantas são as regras. O que tudo repetido e copiado cegamente de idade em idade, sem nunca ter sido submettido a exame, sem o mesmo também foi servilmente applicado ás grammaticas das linguas vulgares.” (id,ibid,p. XII-XIII)

Para Soares Barbosa , o conhecimento e domínio das regras da gramática da língua portuguesa é a porta de entrada para estudos das línguas clássicas, para estudos “maiores”

“ A quelles que aspiram a estudos maiores, e para entrarem n'elles tem de aprender as linguas sabias, levam uma vantagem com aprender primeiro a grammatica de sua lingua . O que as linguas mortas tem de mais escabroso é a theoria grammatical, que sendo de sua mesma natureza sublime e abstracta, é a que custa mais a quem ainda não tem o habito de discorrer. Esta theoria, applicada á propria lingua , percebe-se e comprehende-se muito mais facilmente do que applicada a linguas desconhecidas. Vencida esta primeira difficuldade no estudo da lingua propria , o caminho fica plano edesembaraçado para o das mais, que tem os mesmos princípios geraes, e não se differençam senão nas formas accidentaes que cada um escolheu para indicar as mesmas ideas e fazer d'ellas as mesmas combinações. Assim como quem estudou a grammatica latina poupa metade do trabalho quando entra no estudo da grammatica grega, porque acha n'esta as mesmas noções geraes que já se sabe; assim quem primeiro estudar a propósito a grammatica da propria lingua , não achará difficuldade alguma na da lingua ; e o tempo que n'aquella gastar, ganhará n'esta com grande usura.” (id, ibid, XIV- XV)

Na origem desses posicionamentos percebemos não só a influência de Barros, Roboredo e Verney mas também ressoam, nessas palavras, muitas das posições defendidas pelos

gramáticos de Port-Royal. E como é notório, Soares Barbosa conhecia e admirava a obra de Arnaud e Lancelot:

“ Mas felizmente aconteceu em nossos tempos, que Sanches principiasse entre os hespanhoes a sacudir o jugo da auctoridade e preocupação n'estas matérias, e introduzindo na grammatica latina as luzes da philosophia, descobrisse as verdadeiras causas e razões d'esta lingua, que até então ou ignoradas ou não advertidas, tinham enchido esta materia de confusão e desordem, e que, seguindo depois seu exemplo outros grandes homens e philosophos, tractassem pelo mesmo methodo e reformassem a Grammatica das linguas vivas, pondo primeiro e estabelecendo principios geraes e razoados da linguagem, e applicando-os depois cada um á sua lingua Este trabalho que depois foi continuado, começaram Mr. Arnauld na lingua franceza, Wallis e Starris na ingleza e Lancelot na hespanhola e italiana” (id,ibid. XIII)

Ainda na introdução, Soares Barbosa, como a maioria dos gramáticos do século XVI e XVII, define a gramática como arte de falar e escrever corretamente: “A Grammatica pois, que não é outra coisa, segundo temos visto senão a *arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer língua(...)*” (id. Ibid XI)

A esta definição os *encyclopedistes* acrescentaram a distinção entre uma gramática geral e uma gramática particular

“ La *Grammaire* admet donc deux sortes de principes. Lês uns sont d'une verité inmutable et d'um usage universel; ils tiennent à la nature de la pensée même; ils em suivent l'analyse; ils n'em sont que Le résultat: lês autres n'ont qu'une verité hypothétique et dépendante de conventions libres et mutables, et ne sont d'usage que chez lês peuples qui lês ont adoptés librement, sans perdre Le droit de lês changer ou de lês abandonner quand Il plaira à l'usage de lês modifier ou de lês proscrire. Lês premier constituent la *Grammaire générale*; lês autres sont l'objet dès diverses *Grammaires parttttticulieres*.

La *Grammaire générale* est donc la sciene risonnée dès principes immuables e généraux de la Parole prononcée ou écrite dans toutes lês langues. Une *Grammaire particulière* est l'art d'appliquer, aux principes immuables de la Parole prononcée ou écrite, lês institutions arbitraires e usueles d'une langue particulière.

La *Grammaire générale* est une *Science*, parce qu'elle n'a pour objet que la spéculation raisonnée des principes immuables et généraux de la Parole, une *Grammaire particulière* est un Art, parce qu'elle envisage d'application pratique des institutions arbitraires et usuelles d'une langue particulière aux principes généraux de la Parole. La Science grammaticale est antérieure à toutes langues, parce que ses principes sont d'une vérité éternelle, et qu'ils ne supposent que la possibilité des langues: L'Art grammatical au contraire est postérieur aux langues, parce que les usages des langues doivent exister avant qu'on les rapporte artificiellement aux principes généraux. Malgré cette distinction de la Science grammaticale et de l'Art grammatical, nous ne prétendons insinuer que l'on doive ou que l'on puisse même en séparer l'étude. L'Art ne peut donner aucune certitude à la pratique, s'il n'est éclairé et dirigé par les lumières de la spéculation; la Science ne peut donner aucune consistance à la théorie, si elle n'observe les usages combinés et les pratiques différentes, pour s'élever par degrés jusqu'à la généralisation des principes. Mais il n'est pas moins raisonnable de distinguer l'un de l'autre, de assigner à l'un et à l'autre son objet propre, de prescrire leurs bornes respectives, et de déterminer leurs différences." (Grammaire, E.M. apud Fávéro 1993. p. 118-119)

E como se pode observar, Soares Barbosa seguiu de perto esta distinção proposta pela *Encyclopédie* :

“ Toda a Grammatica é um systema methodico de regras, que resultam das observações feitas sobre os usos e factos das linguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão sómente os usos e factos de uma lingua particular, a grammatica será também *particular*. Se ellas porém abrangem os usos e factos de todos ou da maior parte dos idiomas conhecidos, a sua grammatica será *geral*.” (G.Ph.,p. XII.)

A língua apresenta uma parte mecânica e uma parte lógico, espiritual e esta divisão do mesmo modo que em Port-Royal orienta a divisão da gramática:

“ [a língua] tem naturalmente duas partes principaes; uma *mechanica*, que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, já pronunciados, já escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos

corpos sonoros e do movimento; outra *logica*, que considera as palavra, não já como vocábulos, mas como signaes artificiaes das ideias e suas relações, e como taes sujeitos às leis psychologicas que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis, sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem, devem necessariamente communicar às linguas, pelas quaes se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos princípios e regras geraes que as dirigem. Á parte mechanica das linguas e sua grammatica pertencem a *Orthoepia e a Orthographia*, e á parte logica pertencem a *Etymologia e a Syntaxe*.”
(*id. Ibid*)

As Partes da Gramática

Livro I - Da Orthoepia ou boa pronúncia da língua

Esse livro é dividido em oito capítulos que tratam dos seguintes assuntos:

- I . Das vozes portuguezas
- II. Das consonâncias portuguezas
- III. Dos sons compostos só de vozes ou diphthongos da Lingua portugueza
- IV. Dos sons compostos de vozes e de consonancias ou das syllabas da lingua Portugueza
- V. Dos Vocabulos da Lingua Portugueza, e das alterações que soffrem na pronúncia
- VI. Das modificações Prosodicas acrescentadas aos vocábulos; e 1º das que nascem da quantidade
- VII Das modificações Prosodicas acrescentadas aos vocábulos; e 2º das que nascem do *accento*
- VIII. Dos vicios de Pronúncia

A orthoepia é a parte da gramática que trata da boa pronúncia das palavras. Partindo desta definição, Soares Barbosa faz uma interessante distinção entre orthoepia e prosódia :

“ “ A *Orthoepia*, que é *emendata cum suavitate vocum explanatio*, compreende não só o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como que o corpo dos vocábulos, mas também os das modificações musicas de que os mesmos são susceptíveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas *accentos* , ou ao compasso e *rhythmo*, nascidas da quantidade das *syllabas*. Esta parte musical da *Orthoepia*, ou *boa pronuniação*, tem o nome de *Prosódia*, da qual o maior numero dos *grammaticos* fizeram uma das quatro partes da *Grammatica*, desdenhando ainda os primeiros principios da boa pronuniação e leitura, ou incluindo-os na mesma *prosódia*. (G. Ph.VIII)

Como se vê , Soares Barbosa não apresenta a divisão tradicional da gramática com as suas quatro partes; Ortografia , etymologia , sintaxe e prosódia.,divisão essa que permaneceu durante todo o século XIX.

Portanto, os gramáticos que incluem a Prosódia como parte da gramática ocorrem em erro;

“ Portanto o nome de *Prosódia*, dado até agora a esta parte da *grammatica*, por um lado não compreende todo o seu objeto, e por outro supõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da lingua , do qual a *grammatica* nunca prescindiu nem pôde prescindir,visto ser necessário e indispensavel para regular a boa pronuniação, e consequentemente a sua boa escriptura e orthografia.”
(id, ibid, VIII – IX)

e, um pouco mais adiante

“ . O nome de **ORTHOEPIA** que damos a esta primeira parte da *grammatica*, é mais proprio e acomodado a caracterisala que a de *Prosodia*.” (id, ibid.)

É interessante observar que no que concerne à “boa pronúncia das palavras”, Soares Barbosa, do mesmo modo que os gramáticos dos séculos anteriores, elege a pronúncia da corte como a exemplar, “o uso porém da corte não é o uso do povo; mais sim o da gente mais civilizada e instruída” (id, ibid, 36)

No mais, conforme (Fávero 1993) Soares Barbosa vai se esforçar nessa primeira parte da gramática em traçar uma separação entre língua oral e escrita, diferenciando “vocábulo (segmento sonoro) de palavra (segmento significativo, representado na escrita por espaço em branco).

Livro II – Da Orthographia ou boa escriptura da Língua Portugueza

Este livro apresenta a seguinte divisão:

- I. Regras communs a todas as Orthographias
- II. Regras proprias da Orthographia etymologica e usual
- III. Regras proprias da Orthographia da Pronunçiação
- IV. Da Pontuação

No início do livro Soares Barbosa define deste modo Ortografia:

“ A **Orthographia** é a arte de escrever certo, isto é, de representar exactamente aos olhos por meio de caracteres litteraes do alphabeto nacional, os sons nem mais nem menos de qualquer vocábulo, e na mesma ordem com que se pronunciam ao uso vivo da Lingua, ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas linguas mortas d’onde o houvemos.” (id, ibid. 40)

Para representar os sons da fala Soares Barbosa propõe um alfabeto de trinta e uma “letras”. Este alfabeto é composto por dez vogais (divididas em cinco vogais orais e cinco vogais nasais) e vinte e uma consoantes (incluindo entre as consoantes o *ch, nh, lh e o rr*)

Soares Barbosa propõe também dois sistemas ortográficos: uma ortografia “etymologica” e uma ortografia da “pronúncia”:

“ A primeira **orthographia** chama-se da **pronúncia**, porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor, mas tão sómente os que correspondem aos sons vivos da Língua . A segunda chama-se **etymologica** ou de **derivação**, porque admite letras que presentemente não tem outro préstimo senão para mostrar a origem das palavras.” (id. Ibid.)

É interessante observar que as duas ortografias estão colocadas lado a lado em pé de igualdade e o usuário deve escolher o sistema ortográfico que melhor lhe convém:

“ Eu , para satisfazer a todos, porei primeiro as regras communs a todas as orthographias e depois as proprias a cada uma d’ellas. Quem quizer poderá escolher.” (id. Ibid)

Como diz Lopes:

“ Um gramático desejoso de satisfazer a todos! Um gramático que expõe o que pensa, sem impô-lo a ninguém, antes deixando a cargo do leitor escolher o sistema de escrita que melhor lhe parecer! Francamente, estamos nas antípodas daquela mentalidade estreita que elaborara o esquema invariante das gramáticas normativas, atribuindo-lhes a tarefa não de construir um sistema formal de descrição dos fatos da língua, mas sim de construir um sistema de regras monolíticas , algo menos para ser compreendido do que para ser utilizado, pautado no espírito de obediência às injunções emanadas da autoridade (...)” (Lopes, op. cit. P. 39-40)

Livro III- Da etymologia ou partes da oração portugueza

A parte dedicada à “etymologia ou partes da oração portuguesa” vai estudar a palavra como representação ou sinal de nossas idéias e pensamentos, parte metafísica e espiritual de nossa linguagem.

“ A **ETYMOLOGIA** pois, que em latim se diz *Veriloquium* , tem por objecto averiguar a verdadeira natureza de cada palavra por ordem e representação analytica do pensamento, os seus differentes misteres e usos na enunciação de nossas idéias , e descobrir na analogia ou diversidade de suas funcções communs,o fundamento e caractéres de cada classe primitiva ou subalterna a que todos os elementos do discurso se devem reduzir.” (G. Ph. P.68)

O estudo das classes de palavras é dividido do seguinte modo:

- I. Divisão geral das palavras e em especial das interjectivas
- II. Do nome Substantivo
- III. Do nome Adjectivo
- IV. Do verbo
- V. Da preposição
- VI. Da Conjuncção

O estudo das palavras é baseado na dicotomia palavras “interjectivas” ou “exclamativas” e palavras “ discursivas” ou analíticas”. As palavras interjectivas se ligam mais a expressão dos nossos sentimentos e as discursivas mais a expressão de nossas idéias:

“ (...) tratando-se de exprimir estas mesmas idéias simultâneas por meio do discurso,dois modos ha de o fazer. Um também representando tambem juntas todas estas percepções e sentimentos que a nossa alma experimenta tumultuariamente;e outro separando-as e fazendo-as succeder umas ás outras.

O primeiro methodo é *natural e summario* ,o segundo *artificial e analytico*.D'estes dois modos contrarios de dar a conhecer pela linguagem os nossos pensamentos, nasce a divisão a mais geral das

palavras em duas classes. Uma das palavras **interjectivas** ou **exclamativas**, e outra das **discursivas** ou **analyticas**.” (id.ibid.70)

Neste modelo de análise, as “especies de palavras” são agrupadas da seguinte maneira:

A) Palavras interjectivas ou exclamativas

I. Interjeição

B) Palavras discursivas ou analíticas

I. Substantivo

II. Adjetivo

III. Verbo

IV. Preposição

V. Conjunção

Conforme Fávero (1993), Soares Barbosa recorre a alguns critérios para distinguir as classes de palavras ou partes do discurso:

A) Declinabilidade : Este critério se baseia na constatação de que as palavras possuem ou não características morfológicas de gênero, número, pessoa, tempo e modo. As classes palavras declináveis são três : *Substantivo, Adjetivo*⁸ e *verbo*. E duas são as classes de palavras indeclináveis : *preposição e conjunção*, além das *interjeições*.

Esse critério da declinabilidade já aparecia em Beauzée:

“ Le fondement de cette distinction est ‘perspectiviste’: les mots déclinables désignent des êtres (réels ou abstraits) qui sont susceptibles d’être envisagés sous différents aspects, alors que les mots indéclinables ne désignent que des idées qu’on ne peut envisager que sous un aspect immuable” (MOT, E.M. apud Fávero 1993, p. 186)

⁸ Cabe observar que Soares Barbosa coloca os *pronomes, o artigo e o participio* entre os adjetivos

B) Palavras nominativas, combinatórias ou conjuntivas. As nominativas “ nomeiam e propõem os objectos, quer reaes ,quer abstractos, que fazem a matéria dos nossos pensamentos. (G.Ph.p. 77) . As palavras combinatórias ou conjuntivas “ servem para ajuntar e comparar entre si os mesmos objectos e juizos que sobre elles fazemos.” (id. Ibid).

A combinação de um nome com um verbo resultará um pensamento que é expresso por meio da oração. E essa syntaxe observaremos com mais vagar a seguir.

O Livro IV - Da Syntaxe e Construção

Este Livro apresenta a seguinte divisão:

- I. – Da Oração em geral
- II. – Syntaxe de Concordancia
- III. – Syntaxe de Regencia
- IV- Da Contrucção direta da oração portugueza
- V - Applicação dos principios d’esta Grammatica às duas primeiras estancas do canto I dos *Lusíadas* de Camões

O estudo da syntaxe começa com a distinção entre syntaxe e construção:

“ Os grammaticos , traduzindo com mais liberdade a palavra grega *syntaxis*, lhe dão o nome de *construcção* . Mas esta palavra tem mais extensão que a de syntaxe. A syntaxe é uma ordem sistematica das palavras, , fundada nas relações das coisas que ellas significam, e a construcção uma ordem local auctorizada pelo uso das linguas . Assim, a construcção póde ser ou direta ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N’estas duas orações: *Alexandre venceu a Dario* , e *a Dario venceu Alexandre*, as construcções são contrarias , porém a syntaxe e a mesma”. (G. Ph. P.254)

Na seqüência , seguindo de perto as lições da gramática de Port-Royal Soares Barbosa define a oração como o resultado de uma operação do entendimento:

“ Oração ou Proposição ou Frase (pois tudo quer dizer o mesmo), é qualquer juízo do entendimento, expressado com palavras. Ora, não sendo qualquer discurso outra coisa senão ou um juízo ou uma serie d’elles, todo elle não é também senão ou uma oração ou uma continuação de orações; e assim o que aqui dissermos da oração em geral, será applicavel a cada uma d’ellas em particular” (G.Ph. 255)

A proposição também é composta por três termos:

“ Toda oração tem necessariamente *tres termos*,um que exprime a pessoa ou coisa, da qual se diz e enuncia alguma coisa; outro que exprime a coisa que se enuncia; e o terceiro que exprime a identidade e coexistencia de uma coisa com outra. O primeiro termo chama-se *sujeito* , o segundo *atributo* , e o terceiro *verbo*. (id. Ibid)

Partindo desta conceituação , a oração pode ser:

- A) *Simples*
- B) *Composta*
- C) *Complexas*
- D) *Parciais* (Divididas em *incidentes* ou *integrantes*)

A oração *simples* é composta por um sujeito e um atributo “ Se a oração não tem mais que um sujeito e um attributo chama-se *simples*”(id. Ibid.):

“ *Homem é mortal*” (id ibid)

Se a oração é composta por mais de um sujeito e um atributo será composta:

“ (...) se porém [a oração] tem mais de um sujeito , ou mais de um atributo ,ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo chama-se

composta, como: *eu e tu somos amantes e estimadores da virtude*. Esta oração é composta de dois sujeitos *eu* e *tu* , e de dois attributos , *amantes* e *estimadores*; e contém em si não mesmos que quatro juizos correspondentes aos seus quatro termos, que são : *eu sou amante, tu és amante, eu sou estimador, tu és estimador.*” (id. Ibid)

A oração *complexa* que pode ser modificada por:

- A) Substantivo mais preposição
- B) Advérbio
- C) Adjetivo
- D) Oração

“ Estes mesmos sujeitos e attributos da oração simples e composta podem elles mesmos ser compostos e complexos, isto é, modificados por varios accessorios , como são ou um substantivo com sua preposição, *homem de honra*, ou um adverbio , *obrou honradamente*, ou uma oração incidente, *o homem que é honrado.*” (id. p.256)

As orações que modificam qualquer um dos termos de outra oração é denominada orações *parciais* que são divididas em *incidentes* ou *integrantes*.

“ As primeiras são as que modificam qualquer dos termos da proposição total, ou explicando-o ou restringindo-o (...) As proposições e os adjectivos modificadores dos termos, conhecer-se-ha se são explicativos, quando tirados d’ella nada alteram a sua verdade; e se são restritivos, quando tirados da mesma, o sentido fica destruido.

A segunda especie de orações parciais são as *integrantes*, assim chamadas, porque não só integram o sentido da proposição fatal como as incidentes, mas tambem a sua grammatica, completando a significação relativa do attributo da mesma, a qual sem isto ficaria incompleta e suspensa “ (id PP. 256-257)

A reunião das orações totais forma-se o período que Soares Babosa define da seguinte maneira:

“ Das orações fataes, e não das parciaes, é que se fórma o *período*, que é o ajuntamento de muitas proposições, que não sendo partes umas das outras, estão comtudo ligadas entre si de tal modo, que umas suppõem necessariamente as outras para o complemento do sentido fatal. O período póde ter ou duas proposições chamadas tambem *membros*, ou tres ou quatro. Passando d’este numero ,tem antes o nome de *oração periodica* que o de período” (id. 257)

No que concerne ao período , faz uma distinção entre oração principal e oração subordinada:

“ Qual quer que seja o numero das proposições, uma d’ellas é sempre *principal*, e as mais *subordinadas*. O caracter ordinário da principal é ser enunciado por alguma linguagem do modo indicativo (qual nós representamos em seu lugar), e poder por consequencia substituir per si, ou fazer um sentido independente fóra do período. O caracter ordinario das proposições subordinadas, é serem enunciadas pelas linguagens subjunctivas ou tambem indicativas, mas ligadas ás principaes por conjunções que lhes suspendem o sentido.” (id.ibid,p. 257)

Concordância

A concordância tem o seu fundamento na ideia de identidade entre as partes da oração e das orações entre si:

“ O fundamento de todas estas concordancias é a *identidade*. A identidade ,digo, da Idea do attributo com a do sujeito da proposição,e das idéas adjectivas e accessorias com as de um e outro: a identidade das proposições que fazem parte de um todo com o todo mesmo: e a identidade das proposições fataes, porém subordunadas, com uma

principal para fazerem todas um sentido unico, compreendido em um período.” (g.ph. 259)

Existem dois tipos de concordâncias, uma regular e outra irregular. A concordância regular é aquela “ em que as partes concordantes correspondem exactamente áquellas com quem concordam, sem ser necessario fazer suplemento algum.” (id ibid 260)

Portanto, a sintaxe de concordância regular vai tratar da relação de identidade dos seguintes termos:

- A) adjetivo com o substantivo
- B) sujeito com o verbo
- C) proposições parciais com as totais
- D) o infinitivo com o sujeito
- E) das subordinadas com a principal

A sintaxe de concordância irregular é definida desta maneira por Soares Barbosa:

“ O entendimento obrigado da necessidade e auctorizado pelo uso, em se ligar á terminação da palavra, liga-lhe outra idéa de diferente gênero com a qual concorda; vindo assim a fazer uma discordancia real, porém só mental. A isto deram os grammaticos o nome de **syllipse** ou *synthese*, que querem dizer *concebimento* ou *combinação*.(id. Ibid. 265)

A concordância irregular vai estudar a silepse de:

- A) número
- B) gênero
- C) pessoa

Regência

A regência é definida da seguinte maneira :

“ Reger quer dizer *determinar* e demandar alguma coisa . (...) Assim como a relação de *identidade* entre as idéas é o fundamento da **syntaxe de concordancia** , assim a relação de *determinação* entre as mesmas é o fundamento da **syntaxe de regencia.**” (id. Ibid. 275)

Conforme afirma Soares Barbosa “ onde ha regencia necessariamente ha de haver *partes regentes e partes regidas*”(p. 276) . As partes regentes são duas : “ o adjetivo de significação relativa” e a preposição. Já as partes regidas “ podem ser todas que compõem a oração(id.ibid)

As relações de regência corresponderiam aos quatro casos latinos:

“ Ora todas estas relações se reduzem geralmente a *quatro*, correspondentes aos quatro casos latinos. Porque ou a parte regida está em razão do objecto para a parte regente, e lhe daremos o nome de *complemento objectivo* , que corresponde ao accusativo latino: ou em razão de *termo* , elhe chamaremos *complemento terminativo*, que corresponde em parte ao dativo latino.

Ha outros dois complementos que não completam, mas mudam a significação vaga e absoluta das partes que não regem;outros ou restringindo-a ou explicando-a. Ao primeiro dou o nome de *complemento restrictivo*, que corresponde ao genitivo latino e ao segundo, o de *complemento circumstantial* , que corresponde ao ablativo latino.” (id ibid. p. 277)

Além da regência regular há também uma regência irregular “ que é reduzida a regular pela ellipse” (p. 283). As elipses são divididas em elipses que têm por fundamento a razão e elipses que têm por fundamento no uso.

As elipses tem uma função específica segundo Soares Barbosa:

“ As mesmas ellipses são uteis no estylo simples para lhe dar mais luz e clareza, porque quanto menos palavras se empregam em uma frase, mais se chegam as ideas umas ás outras, e melhor se percebem assim as suas relações.” (286)

A seguir, no próximo capítulo, passamos a tratar da *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa.*, apresentaremos sua divisão e o conteúdo discutido em cada uma das suas partes, para ,na sequência, nos determos com mais atenção na parte destinada ao estudo da sintaxe.

CAPÍTULO III

A Grammatica Analytica da Lingua Portugueza

3.1 O Autor

Segundo consta, José de Noronha Nápoles Massa nasceu em 1822 na Bahia. Estudou no seminário da mesma cidade. Foi ordenado pelo arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas em 30/11/1845. Logo depois partiu para o sul como capelão, fez depois concursos para a paróquia de Piratini e foi aprovado com louvor. Homem sempre louvado por sua vivacidade e inteligência . “Era um sacerdote inteligente, apreciado latinista, notável orador, escritor e educador”(Rupert. op.cit. p. 58). Além de suas obrigações eclesiásticas dedicou-se à atividades políticas e literárias:

“ Publicou uma volumosa Grammatica Analytica da lingua Portugueza. Fundou em cruz alta uma escola de instrução primária. Foi deputado da assembleia provincial defendendo sempre os interesses da igreja.” (Rupert, op. cit. P. 103)

Fundou também um colégio em Porto Alegre, com internato e externato, para a educação da juventude. Dirigiu bem o seu rebanho até que foi assassinado em 14 de novembro de 1890.

3.2 A Obra

Obra publicada na Bahia somente em 1888, pelo que nos consta, a sua única edição, embora conforme o autor tenha sido escrita uns vinte anos antes.

“ Erguido do pó de nossa estante, onde permanecera , cerca de vinte anonos,á instancias de um Amigo, que se dignou de favoneal-o, com o seu trabalho de revisor, vai hoje ser elle encaminhado até a altura de vossa apreciação.” (GALP, V)

Na parte intitulada *Bosquejo Analytico* O autor declara os reais motivos que o levaram a redigir a gramática

“ Esforçámo-nos quanto nos foi possível por levarvos até a evidencia a solução de muitas das questões, de que havíamos feito reparo, desde que principiou a alentar-se em nós o desejo de estudarmos, com o ensino de vinte e cinco annos,a língua dos nossos pais, questões estas que sentíramos terem sido negligenciadas por tantos dos nossos mais abalisados Grammaticos”

Em tom de polêmica, aliás como era comum no século XIX, Pe. Massa se coloca na posição de um verdadeiro juiz capaz de avaliar de forma positiva ou negativa as contribuições dos gramáticos de períodos anteriores ou mesmo gramáticos seus contemporâneos.

Os abalizados gramáticos com qual Massa polemizará no decorrer da obra são citados nominalmente pelo autor:

“Coadjuvado poderosamente por JERONIMO SOARES BARBOSA especialmente na *Syntaxe e Prosidia*, onde elle encerra thesouros inexauriveis de sua consumada mestria de Philologo, podemos talvez dizer que n’estes dous tratados avantajámos mais um passo em favor de nossa pátria ; e é força confessarmos que lhe fomos tanto no encalço n’estas duas partes d’este nosso trabalho, que a doutrina d’este Grammatico parece ahi refundir-se toda em a nossa.” (VII)

E ,mais a adiante

“ Na *Orthographia*, ultima parte d’este nosso esforçado trabalho,acompanhamos quase *in limine* a theoria e methodo do illustrado SR. CORUJA, por ser o orthographo, com quem mais sympathisámos, sendo por isso rara a vez, em que d’elle nos separámos (...)

Na *Etymologia*, é verdade, fomos um pouco mais eclético; pois adoptámos ora a JERONIMO SOARES BARBOSA,ora LEONI, CONSTANCIO, MONTEVERDE, PERTENCE, GRIVET, DILERMANDO DA SILVEIRA,SOTEROS DOS REIS e o mesmo SR. CORUJA.” (p. VIII)

Embora siga de perto as lições desse renomados gramáticas, o autor sublinha que seu trabalho não é apenas o de copista ou plagiador de trabalhos alheios:

“ Felizmente quem confrontar-nos, não nos acoimará de havermos cumprido a triste missão do copista (...)” (p.VIII)

Como se pode perceber pelos dois trechos citados acima, Pe. Massa coloca lado a lado as lições dos mais renomados gramáticos, incorporando a sua doutrina o que cada um, na sua opinião, apresenta de mais correto.

Na leitura que propomos, esse processo de construção é característico das gramáticas gerais publicadas no final do século XIX , representada , aqui, pela *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*. As gramáticas gerais tardias são o final de um longo processo que se iniciou com a gramática de Port-Royal e que se prolongou no Brasil até pelo menos o final do século XIX. Neste sentido, é possível às gramáticas gerais do final do século XIX fazer uma avaliação desse longo processo e destacar o que de melhor apresentou cada autor .

Portanto, se por um lado concordamos que essas gramáticas apresentam poucas inovações no que concerne aos modelos e práticas de descrição gramatical, por outro não podemos concordar com a opinião corrente de que essas gramáticas são apenas “ uma simples coletânea de lições de outros autores”. Conforme sublinhamos na introdução de nosso trabalho, acreditamos que os autores que servem de referência para a construção da GALP são selecionados a partir de claras opções teóricas (que podem ser de natureza teórico-metodológica ou didático-pedagógica) e o fato de usar , por exemplo, Soares Barbosa como referência ao tratar do assunto de sintaxe e na etymologia usar como referência além de Soares Barbosa, por exemplo, Grivet ou Sotero dos Resis reflete essas opções teóricas.

3.3 As partes da Gramática

A Gramática apresenta a seguinte estrutura:

- ✓ Carta ao leitor
- ✓ Bosquejo Analytico
- ✓ Livro I – da etymologia

- ✓ Livro II – da syntaxe
- ✓ Livro III – da Prosodia
- ✓ Livro IV – da orthographia

Como se pode perceber, a gramática segue a divisão canônica, que permanece pelo menos desde a idade média, em quatro partes: etimologia, syntaxe, prosodia e orthographia.

O autor define cada parte da gramática⁹ da seguinte maneira:

(1) A *Etymologia* é a parte da grammatica que se encarrega do conhecimento da natureza de cada uma das palavras, empregadas no idioma respectivo, e que designa com os diferentes caracteres, que as distinguem das outras. (p.6)

(2) A *Syntaxe* é a parte da Grammatica que dá ás palavras, entre si combinadas, a forma regular em que o pensamento se reproduz, fornecendo-o com os elementos, que essencialmente lhe correspondem, para formarem um ou muitos juizos, uma ou muitas proposições. (p. 7)

(3) A *Prosodia* é a parte da Grammatica que regula a pronúncia de cada uma das palavras, por virtude de certas e determinadas regras, que lhes designão a quantidade de suas syllabas, e o accento predominante de uma d'estas.

(4) A *Orthographia*, finalmente, é a parte da grammatica que dá precieitos e regras, para escrever com acerto.

A seguir passo a tratar do livro II intitulado “*da Syntaxe*”, procurando observar como o processo de descrição gramatical do Pe. Massa se constrói a partir das lições de outros autores.

3.4 A Syntaxe na Grammatica Analytica da Lingua Portugueza

O autor abre o segundo livro da gramática com a seguinte definição de syntaxe:

⁹ É importante assinalar que o autor parte da seguinte definição de gramática: “Grammatica é a arte que nos ensina as regras adaptadas á perfeição da dicção de qualquer lingua quer escripta, quer fallada.”

“ (...) a Syntaxe, de que agora nos occupamos, é a Parte da Grammatica, em que temos por fim coordenar os elementos das idéas ; pois, reunindo-os dentro de um circulo reflectido e combinado d’estas, tende a effectuar o nexu do pensamento, que um juizo se encarrega de emitir.” (G.A.L.P. p. 243)

Seguindo Soares Barbosa , define os conceitos de syntaxe e construção:

“ (...) a *construcção* é o elemento conductor, organizador e cardial da phrase, em que o pensamento se reproduz; e que é ella quem, por virtude do critério, que lhe é proprio , inspira á Syntaxe as regras, dentro das quaes esta deve conter as palavras, de que o pensamento faz uso. D’isso tambem se evidencia que a Syntaxe se subordina ao acéno da *construcção*, que abrangendo um sentido mais lato, e porisso podendo ter ima ordem *local*, como diz Jerônimo Soares Barbosa, se adapta ao uso das linguas pelo qual é autorisada ;sendo porem , a Syntaxe, como diz este Philologo, uma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das coisas, que ellas significão” (id. Ibid. 244)

A construção é dividida em direta ou inversa do mesmo modo que a syntaxe pode ser natural ou figurada; “ dividiremos a *construcção* em *directa e inversa*, como dividimos a syntaxe em *natural e figurada*”(p.244)

Das três operações do nosso espírito, conceber, julgar e raciocinar, Port-Royal já ensinava que o ato de emitir um julgamento era a principal operação do nosso pensamento “ (...) os homens não falam apenas para expressar somente aquilo que concebem, mas quase sempre para expressar os julgamentos que fazem das coisas que concebem.” (G.G.R.p 30). E nesta linha de pensamento a proposição é definida como a expressão de um julgamento:

“ *Oração*¹⁰ é uma prolação reflectida de palavras, que junctas por uma connexão, que lhes é própria, manifesta *precisamente* o pensamento. A connexão, com que estas palavras se entretecem, é os nervos com que os elementos das linguas se prendem uns aos outros para denunciar um juizo” (...)

O pensamento se revela pela reprodução em um ou em muitos juizos ; e esta mesma reprodução ou consta de uma ou de muitas orações,

¹⁰ Nota-se que o autor, do mesmo modo que Soares Barbosa, não faz distinção de oração, frase e proposição.

conforme a unidade ou multiplicidade dos juízos emitidos; sendo por isso tantas as orações no discurso, quantos são os juízos , que as manifestão” (G.A.L.P., p. 245)

Na sequência define a estrutura tripartite da proposição da seguinte maneira:

“ O primeiro é o que inicia a expressão do pensamento, ou o que representa a pessoa ou coisa, que n’elle sobresahe como o primeiro gérmen.

O segundo é o que, revertendo sobre este mesmo motor, o attrahe, para fazer com elle uma junção, que se converte em *acção, acto, estado ou coexistencia* a respeito do que se lhe segue

O terceiro, finalmente, é o que, como victima de amboas, ou d’elles recebe a acção que proveio de sua combinação, ou se subordina a aceitar d’elles uma denominação, ou um modo de ser, que lhe serve de accessorio” (id. Ibid. p. 246)

A oração é composta por este três termos: (1) sujeito ou agente, (2) verbo ou copula , (3) paciente ou complemento objetivo e/ou predicado ou atributo.

Na gramática , as notas de rodapé têm a função de expressar a opinião do autor sobre determinado assunto, comentar as lições de outros gramáticos ou, simplesmente, discorrer mais detidamente sobre alguns conceitos apresentados na obra. Ao tratar das partes da oração Massa discute o uso dos termos sujeito e agente no processo de descrição gramatical:

“ Uma questão levantada sobre a accepção d’estas duas palavras em Grammatica não passará de questão de Lana caprina. Bastará só lembrar aos engravatadores, que descerem á questinculas de tal ordem, que o nome Agente como motor da phrase, nunca foi empregado pelos Grammaticos de melhor nota; pois elles apenas se servião do nome-Sujeito, e o empregavão sempre indistintamente , como primeiro termo da oração, quer fosse o verbo d’esta ou d’aquela natureza; e isto prova sem duvida a indifferença de uma tal denominação em ambos os casos (...) O nome – Agente é por isso uma denominação recente , conferida ao primeiro elemento da phrase ,que por certo já com este nome, já com o de Sujeito , representa e exprime a mesma idea (...)”
(id. Ibid. p. 247)

Como se percebe do trecho acima, Pe. Massa defende o uso do termo sujeito para o primeiro termo da oração em oposição ao uso mais recente do termo agente. Essa postura reflete o caráter conservador das opções teóricas do autor que aparecem em diversos momentos da obra.

As orações podem ser de dois tipos *simples* quando manifestam apenas um juízo ou *compostas* quando manifestam mais de um juízo:

“ Como são os juízos os conteúdos das orações, como estas o são dos periodos ,acontece que umas se enunciação circumsriptas a um único juizo , sendo por isso chamadas *simples*, por conterem um só sujeito, um só verbo,um só attributo,ou um só paciente ou complemento objectivo; e outras vezes um só termo do mesmo verbo ou do mesmo attributo” (p.265)

e, um pouco mais adiante

“ Outras, porem , têm o nome de *compostas* , por conterem mais de um sujeito, mais de um verbo,ainda que se supponha o da anterior; mais de um attributo, ou mais de um paciente ou complemento objectivo; e algumas vezes mais de um termo,ligado por uma conjunção” (id.ibid)

3.5 A nomenclatura das orações

Na gramática as oração são divididas em *principais, incidentes, subordinadas e integrantes*. Segundo o autor, o que define a oração principal é o seu caráter de independência em relação às outras orações e no que concerne ao seu aspecto formal a oração principal apresenta uma estrutura bem definida:

“ (...) Este caracter de independência, que revelão as *orações principaes*, ellas asumem do verbo, que n’ellas predomina, o qual deve estar sempre no *indicativo*, imperativo ou no *condicional*; devendo

ainda estar escoimadas de qualquer conjunção ou partícula, que as subordine ao sentido ou império de qualquer outra oração” (id. 267)

As orações podem ser principais ou principais compostas¹¹. Segundo o autor no seguinte exemplo “ umas vezes é o grão ou o fructo; outras vezes uma porção da planta, ou a planta inteira que viaja” (p.271) temos uma oração principal e uma oração principal composta; “ damos sem duvida o nome de oração á primeira até- grão; á segunda a de principal composta até – fructo”(id.ibid.)

Em nota o autor compara a nomenclatura das orações proposta por Sotero dos Reis com a sua:

“ O ilustrado Sr. Sotéro dos Reis nas suas Postilas de Grammatica geral dá ás orações, que aqui chamamos principaes compostas o nome de absolutas approximadas, para distinguil-as das que elle denomina absolutas principaes, as quaes nós chamamos simplesmente principaes, comoaquellas, que predominão no discurso.(p.269)

Na sequência, o gramático traça um paralelo entre a nomenclatura das orações principais proposta por Sotero dos Reis e Soares Barbosa para em seguida discordar de ambos nos seguintes termos:

“ Sentimos extraordinariamente achar-nos agora em desacordo com a doutrina do ilustrado Sotero dos Reis relativamente á denominação, que elle dá ás orações principaes, denominando-as de *absolutas principaes*, que como elle diz, as de que dependem as outras proposições do periodo composto, ou as que formão per si sós o periodo simples, as quaes Jeronimo Soares chama – *totaes*”(270)

O que Pe. Massa critica tanto em Sotero dos Reis quanto em Soares Barbosa é o emprego incorreto dos termos. Segundo o autor, uma oração que recebesse o nome de *absoluta principal* deveria necessariamente estabelecer uma relação com outra oração no mesmo período “ (...) para ter ellas esta segunda denominação ,(absoluta principal) pede a boa razão que o periodo não seja simples, para que a que tivesse esta denominação fosse a predominante”(p.271). Portanto,

¹¹ O autor propõe a seguinte definição de oração principal composta “ fiquemos, pois, sabendo que, quando se dér identidade de *sujeito* ou de *verbo* em duas ou mais orações no discurso, representando o caracter de *principaes* , a primira terá este nome, mas nunca as outras senão o de *principaes compostas*”(p 269)

seguindo esta linha de raciocínio, uma oração absoluta principal necessariamente deveria estabelecer uma relação com uma oração “absoluta acessória”.

A crítica ao emprego do termo *orações totaes* por Soares Barbosa merece ser observada com mais atenção por este ser a maior referência para Pe. Massa na construção do capítulo de sintaxe. Por este motivo decidimos transcrever na íntegra o trecho em que em nota o autor argumenta contra esta nomenclatura de Soares Barbosa:

“ A palavra – *Totales*, pois , applicada por Jerônimo Soares á designação da phrase cardeal do periodo não é (a nosso ver) de uma precisão incontestavel ,a menos que se não queira suppor que Ella tem tal denominação em virtude de ser a força motriz ou a alma do pensamento no discurso, parecendo que abrange a totalidade dos demais membros d’elle; mais ainda n’este sentido a denominação claudica pelo defeito de não representar a idéa ,para a qual este Grammatico a destina; pois o nome-Total representa a idéa de accumulção de feitos *intellectuales* (applicado á presente apreciação) reunidos em certo e determinado ponto, o que por certo impropria e mui remotamente pode dizer respeito ás funções da oração principal no discurso, quando o nome – Total apenas pode apenas pode quadrar á reunião material de uma phrase inteira. Comprehendemos antes que este Grammatico,quando conferio á taes orações o nome de *Totales* fêl-o por haver-lhe suggerido a idéa de *parciaes*, nome, que elle applica ás *Incidentes e Integrantes* , ficando o nome de *subordinadas* , que applicariamos antes áquellas, para abranger a estas ultimas . Restava, pois, a Jeronimo Soares o termo *Totales* , que em taes casos pareceu-lhe ser applicavel ás orações, que não tiverem qualquer character que represente as tres ordens de orações citadas.” (271)

Do exposto acima percebe-se que Pe. Massa não aceita servilmente as lições propostas por outros gramáticos, muito pelo contrário, coloca frente a frente as suas lições com dos gramáticos renomados apontando as falhas e as lacunas de suas doutrinas.

Ainda no que concerne à nomenclaturas das orações , além das orações principais e principais composta, Pe. Massa propõe uma nova classe de orações principais; as orações concomitantes ou companheiras :

“ Quando, porém , o discurso se acha ligado por uma certa ordem, geração e sucessão de idéas ,de maneira que dentro do periodo se

affirmem por diversos modos acções de um mesmo ou de diversos sujeitos, a que taes verbos corresponderem, a feição das orações assim dispostas dará a ellas mesmas o nome de *concomitantes*, desde que se tenha evidenciado a *princiapl*, que lhes deve naturalmente preceder. Mas , quando a estas não preceder oração, que pareça ter o caracter de *princiapl*, a primeira d'estas o será, e as seguintes sempre concomitantes; pois que só serão *compostas* , si dependerem das precedentes, assumindo d'ellas qualquer de seus elementos. O nome de *concomitantes*, que damos á taes orações lhes applicamos pela semelhança de *companheirismo* , que parece ligar o pensamento na geração e sucessão das idéas, ainda que taes orações falte o caracter de *identidade*, com a qual se revelará antes o das *principaes compostas*(id. Ibid)

Do exposto acima percebe-se que segundo, Massa ,as orações concomitantes estabelecem uma relação diferente com a oração principal. Enquanto as orações principais compostas estabelecem uma relação de identidade de alguns termos com as principais, as orações concomitantes apenas se ligam às orações principais por um critério semântico. Para ilustrar a relação que as orações concomitantes estabelecem com as principais o autor propõe o seguinte exemplo colhido de Chateaubriand :

“ Os grandes capitães da antiguidade forão notáveis por sua religiosidade: Epaminondas, salvador da patria , cobrará fama do mais religioso dos homens; Xenophonte, o philosopho guerreiro , era o modelo de piedade (...)” (.p.269)

Seguindo a nomenclatura proposta, temos a oração principal na primeira oração do período “ os capitães da antiguidade forão notáveis por sua religiosidade”. As orações seguintes seriam todas concomitantes ou companheiras da oração principal “ explicativas somente do pensamento geral que Chateaubriand emittio falando dos capitães da antiguidade”(id.ibid)

Na sequência, o gramático critica duramente o uso do termo oração principal empregado por muitos gramáticos em mais de uma oração de um mesmo período :

“ E assim um período, que tivesse mais de uma oração principal, que se constiúe a cabeça d'elle fal-o-hia um mostro psychologico, como duas ou mais cabeças em um corpo farião um mostro na ordem natural

e physiologica . Assim, pois, fiquemos certos pela theoria, que n'este sentido expendemos, que não admitimos, como fazem muitos dos nossos Grammaticos, mais de uma oração principal dentro de um periodo”(p. 270)

No estudo das demais orações Pe. Massa segue o exemplo As orações *incidentes* são aquelas que “ ligando a si qualquer parte da oração anterior, *modifica* a idéa da cousa ou pessoa, que á anterior se refere, ou as *explica*, sem modificá-las”(272). Desta definição conclui-se que a oração incidente se divide em *restritivas e explicativas*. A subordinadas são aquelas que “ estão em dependencia das orações anteriores, mas de um modo tal que á posição d'ellas no discurso não se attribúa uma necessidade , que prejudique o pensamento das mesmas orações”(p.279). Estas orações podem ser regidas tanto por advérbios quanto por conjunções “ qualquer adverbio ou conjunção basta muitas vezes para que caiba taes orações esse caracter(...)”(p.280)

A oração integrante ou complementar é aquela que “ faz parte immediata e necessaria do mecanismo da oração, que Ella completa. Esta orações são por si sós incompletas, sendo-o assim porque ellas têm essa significação(...)”. (p.283)

3.6 Complementos

O autor abre o capítulo com a seguinte definição de complemento:

“ Chamamos *complementos* da lingua portugueza as relações que entre si guardão os elementos, destinados a descrever necessaria e indispensavelmente a feição do pensamento, em ordem a representar um phenomeno *logicamente* combinado e perfeito; ou aquelles que, sem tal caracter de *necessidade* , acódem todavia á expressão do pensamento”(GA.LP.,p.337)

Os complementos equivalem aos casos latinos:

Latim	Português
Nominativo	Complemento Subjectivo
Vocativo	Complemento Vocativo

Accusativo	Complemento Objectivo ¹²
Genitivo	Complemento Restrictivo
Dativo	Complemento Terminativo
Ablativo	Complemento Circunstancial

No que concerne ao número de complementos (seis), em nota Pe. Massa informa a que alguns gramáticos, dentre eles Soares Barbosa, reconhecem apenas quatro complementos:

“ A maior parte dos Grammaticos,e entre estes o proprio Jeronimo Soares, ou dizendo-se melhor,com alguma rara exceção,e entre aquelles é o mesmo Grammatico um d’elles,limitão o numero dos complementos a *quatro* unicamente ,mencionando apenas os *restrictivs,terminativo,objectivo e circumstancial* . O Sr. Cyrilo Dilermnando da Silveira é o unico dos que hemos consultado que comnosco se harmonisa em numero d’elles, apezar de denominal-os- *relsções* ,com o que apeza d’isso se identifica com o nosso modo de pensar, sendo estr apenas – *mutatis mutandis*. Não commungamos a mesma opinião d’aquelles, mas sim d’este ultimo Grammatico,porque com elle nenhum inconveniente encontramos na adopção dos nossos *complementos* ou de suas *relações*,por nós empregadas,quando elles ou ellas correspondem precisamente ás exigencias da analyse dos elementos da lingua ; mas não acontece assim, si adoptarmos os *quatro mencionados*, como unicos , a que deva caber o nome de complementos” (id. P.341)

Os complementos são divididos em *essenciaes, accidentaes e virtuaes* ou suppositicios. Os complmentos *essenciaes* da oração são o sujeito (complemento subjectivo) e o complemento objectivo ou paciente. Os complementos *accidentaes* são “ aqueles elementos que fazendo parte do discurso,fazem-no, sem que lhe sejam *precisamente* indispensaveis”.(p.338). Os complementos *virtuaes ou suppositicios* são os que “ se constituem elementos da oração por virtude de uma mera *necessidade* ,que nos força a fazel-os taes (...)”(id.ibid).

¹² Conforme o autor, “ complemento objectivo (ou paciente,quando a ação do verbo recahe sobre pessoa ou coisa animada” (p.337)

3.7 Concordância

Nesta parte da obra, Pe. Massa recorre mais uma vez às lições de Soares Barbosa¹³. É interessante observar que o autor copia trechos inteiros da G.Ph, como por exemplo , a definição de concordância:

“ O fundamento ,pois, da *concordancia*, como diz ainda o mesmo autor [Soares Barbosa], é a identidade da idéa do attributo com a do sujeito da proposição, e da idéas adjectivas e accessorias com as de um e de outro; é a identidade das proposições *fataes*, porem ,subordinadas com uma principal, para fazerem todas um sentido unico , compreendido em um periodo” (G.A.L.P.p.302)

A sintaxe de concordância se divide ainda em *regular e irregular*. A sintaxe regular é definida da seguinte maneira pelo autor:

“ Chamamos *concordancia regular* em syntaxe a menção expressa que fazemos do *sujeito na oração; do attributo* ,coincidindo com aquelle em genero e numero ; do *verbo* combinado com ambos; do *paciente e complemento objectivo*,denunciando o estado passivo de *peessoa* ou *cousa animada*,ou *acção* exercida sobre *cousa inanimada*,cujas modificações só o verbo denuncia . Esta regularidade de concordancia não só se effectúa pela harmonia dos elementos de uma oração entre si,como pela relação das demais entre si combinadas pelo sentido da principal(...)” (id.p.304)

Portanto, a sintaxe de concordância regular vai tratar da relação dos seguintes termos

A) Do sujeito com o Atributo (gênero / número)

B) Dos complementos com o verbo (paciente/compl. Objectivo)

¹³ Nota-se que autor deixa claro que ao tratar deste assunto copia quase *ipsis litteris* Soares Barbosa; “Jeronymo Soares forneceu-nos aqui com quase todo o pensamento, de que n’esta parte precisamos tratar d’este ponto, pois quase o copiámos *de verbum ad verbum*. Fizemol-o ,assim, porque nem mais, nem menos do que elle fal-o-hiamos de lavra propria” (p. 303)

“

C) Do infinitivo com o sujeito

D) Da oração principal com as demais orações do período

A sintaxe de concordância irregular vai tratar dos “ desvios” oriundo das liberdades abonadas pelo uso irregular da língua.

“ Chamamos, portanto, concordancia *irregular ou figurada* em syntaxe a menção de um pensamento qualquer no discurso, onde muitas vezes não se manifestão expressos o sujeito, overbo ou o seu complemento; onde o adjectivo não parece guardar harmonia com o substantivo nem em genero , nem em numero e pessoa; (...)” (p. 317)

Tais liberdades, pois, originam-se do emprego de certas figuras, como por exemplo, a Ellipse, o Hiberbaton e o Pleonasma.. Assim , a Ellipse “faz que se supprima na oração qualquer dos seus elementos, o qual, para ter ahi uma forma liquida , precisa ser subentendido”(p.318). O Hiperbaton pode “ *inverter tranpor* elementos essenciaes da oração de modo tal que o pensamento por efeito da inversão, não fica prejudicado, e só alterada a ordem natural das palavras, que o representão (...)” (p.319). Para o autor existem quatro espécies de Hiberbaton , a *anastrophe* que é “a figura por virtude da qual pospomos na collocação das palavras as que devião estar antes, perdendo ellas a sua natural posição relevante á ordem, que lhes devia dizer respeito(..)” (p.319), a *Timése* que é “ a figura pela qual se representa uma dicção em uma só prolação, mas esta de tal modo composta, que outro nome se lhe mette de permeio parecendo dividil-a(...)”(id.ibid.), a *Sinchese* que é “ a figura na qual parece dar-se uma completa confusão das partes da oração(...)” (p.320), o *Parenthesis* que é “ a figura pela qual fazemos uma digressão no discurso, mettendo n’elle de permeio o que parece alheio ou que si com elle pode ter alguma relação, em nada o prejudica , si lhe faltar(...)” (id.ibid). Por fim, temos o *Pleonasma* que é “ a figura que faz que augmentemos palavras na oração, que parecem desnecessarias(...)” (321).

Na sequência o autor dedica um capítulo à *Ellipse* e suas espécies ; *Zeugma*, *Enallage*, *Syllepse* e *Synthese*. O *Zeugma* é “a figura pela qual muitos sujeitos do singular têm o verbo n’este mesmo numero , para concordar com cada um d’elles de per si; ou faz que os

elementos, que faltão em uma oração, sejam substituídos por palavras da oração vizinha(...)" (p.322). A *Enallage* é " a figura pela qual substituímos um nome por outro; um numero por outro; ou pela qual uma oração inteira ou parte d'ella constíui o elemento de outra oração(...)" ((p.323). A *Syllepse* vai tratar da relação de concordância irregular de número e gênero

3.8 Regência

A regência é definida desta maneira pelo nosso gramático:

“ Chamamos Syntaxe de *Regencia* o uso ou emprego que fazemos dos elementos da lingua , accomodados á precisão do pensamento de tal modo que na oração, em que os empregarmos, apparecerão as *partes regentes e as partes regidas*. Chamão-se *partes regentes* aquelles ellementos da oração, que subordinão os immediatamente próximos (...) Chamão-se *partes regidas*, ou *regimes* dos nomes, aquelles elementos variaveis da lingua , que se deixão modificar na relação designada pela expressão *invariáveis*, anteriormente postos” (p 366)

Soares Barbosa reconhecia apenas duas partes regentes na oração “Duas são as partes regentes segundo Jeronimo Soares: o adjectivo de significação *relativa e a preposição*”(p.366) E é interessante sublinhar que a estes elementos regentes da oração Pe. Massa acrescenta outros “Nós acrescentamos, pois, ao numero, a que Jeronimo Soares limitou as partes regentes ,os *substantivos* e até mesmo os *verbos* virtualmente substantivados ,como tambem os *adverbios* que provierem de nomes ou verbos de significação e caracter relativos”(p.367)

Do mesmo modo que a construção, a regência se divide em *regular e irregular* ou figurada. A regência vai tratar da relação estabelecidas na oração entre as palavras regentes e as palavras regidas. Já a syntaxe de regência irregular se reduz, sobretudo, ao emprego das figuras, sendo a ellipse a principal.

Seguindo mais uma vez Soares Barbosa, o autor reconhece também, no que concerne à ellipse , dois fundamentos, a razão e o uso.

“ Esta figura, ainda dizemos, seguindo a Jeronimo Soares, tem por fundamento a *razão e o uso*. Funda-se na *razão* quando se suppre

com alguma palavra, que já se expressou em orações anteriores do período, as que faltão para preencher-se o pensamento nas orações onde ellas não existem. Só por amor a brevidade, e por tornar-se a phrase mais fácil de ser entendida, isenta de continuadas e frequentes repetições, tem essa figura um uso constante na lingua.

Funda-se, porem, no *uso*, quando, para supprimos á falta de palavras na oração, recorremos ao emprego de palavras alheias do discurso; mas que *usualmente* se presume deverem ser as quw substituir podem ás que faltão.” (p.371)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais , após esse breve percurso tanto pela *Grammatica analytica da língua portuguesa* quanto pelas gramáticas que serviram de referência para a sua construção , esperamos ter exemplificado o que afirmamos no início do nosso trabalho : se por um lado a GALP traz poucas novidades em relação ao que outros gramáticos fizeram , por outro ela não reproduz servilmente as lições desses mesmos gramáticos. No entanto, para sustentar com mais propriedade a nossa proposta de leitura, acreditamos que um trabalho de maior fôlego seria necessário e isso procuraremos fazer num segundo momento.

BIBLIOGRAFIA

ARNAULD,A & LANCELOT,C. *Gramática de Port-Royal , Gramática Geral e Razoada*. Tradução de Bruno F. Basseto e Henrique G. Muracho – São Paulo: Martins Fontes, 2001

CASTELEIRO,S.M “ Jerônimo Soares Barbosa: Um Gramático Racionalista do Século XVIII” . In: Boletim de Filologia 26 (1-4),PP. 101-110, Lisboa 1981

COUTO, M,A. “ Gramática e teorização lingüística em Portugal: a Gramática filosófica de Jerônimo Soares Babosa”. In: Revista Galega de Filoloxía, ano 5, 2004.

AUROUX, S. A *Revolução tecnológica da Gramatização*. Ed. Unicamp, 1992

ARRIVÉ,M & CHEVALIER, J.C . *La Grammaire*. Paris: Klincksieck, 1970

CAVALIERE,R. *fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ,2000.

_____. “Uma Proposta de Periodização dos Estudos lingüísticos no Brasil”. In: *Revista ALFA* – Nº 45 2001. São Paulo.

CHEVALIER, J.C. “ A Língua” in: *História: Novos Objetos*, São Paulo: Livraria Francisco Alves , 4ª Ed. 1995

CLERICO,G. Retorique et Syntaxe une “une figure chimerique” : l’ enallage. In: H.E.L tome 1 fascicule 2- 1979

COMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo UNESP. 1999

DOSSE, F. *A História em migalhas : Dos Annales à Nova História*. Bauru, SP: EDUSC, 2003

FÁVERO, L.L. *As Concepções Linguísticas no Século XVIII em Portugal*. TESE (Livre Docência) USP/SP 1993

_____. *A Produção Gramatical Brasileira no Século XIX - Da Gramática Filosófica à Gramática Científica*. In : 500 e Mais Anos de Discursos. São Paulo: EDUSP, 2000

FÁVERO, L. L. &MOLINA, M.A.G. *As Concepções Linguísticas no Século XIX - A Gramática no Brasil*. Rio de Janeiro, LUCERNA, 2006

FOUCAULT,M *As palavras e as coisas:Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo. Martins Fontes, 2002

KRISTEVA, J. *História da Língua*. Lisboa: Edições70, 1969

KUHN,T.S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva 8ªedição 2003

LOPES,E. *Um protótipo de gramática geral portuguesa: a gramática de Soares Barbosa*. In revista ALFA- Nº30/31. 1986/1987. São Paulo

MASSA, J.N.N. *Grammatica Anlytica da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa a Vapor H. Lombaents & Comp. 1888

RUBERT, A. *A História da Igreja no Rio Grande do Sul* Vol I Edipucrs, 1998

STERSSE, C.M.L. *A Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. – Dissertação de Mestrado, PUC-SP; 1989

SWIGGERS, P. *História e Historiografia da Língua : Status, Modelos e Classificações*. Trad. Cristina Altman. In: *Revista Eutomia - Ano III - Vol. II*, 2010